**Planeta das Mulheres**

O Feminismo do Futuro   
contra o Eterno Patriarcado

**Planeta das Mulheres**

O Feminismo do Futuro   
contra o Eterno Patriarcado

Victor Lisboa

ÉPICA

Editora Épica

Capa: Merlin

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Lisboa, Victor

Planeta das mulheres : o feminismo do futuro contra o eterno   
patriarcado / Victor Lisboa. – Porto Alegre : Épica, 2022.

116 p.

ISBN 979-88-3917-522-8

1. Literatura brasileira. 2. Feminismo. 3. Sátira. I. Título.

CDD – B869

CDU – 82-3

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Índices de catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira B869

2. Feminismo 305.42

3. Sátira 808.7

Porto Alegre

livraria.epica@gmail.com

2022

*A todas as mulheres   
de nobre coração*

**SUMÁRIO**

[Introdução: Um Fantasma Ronda o Feminismo 11](#_Toc106523589)

[I. O Divórcio dos Sexos 17](#_Toc106523590)

[II. O Grande Embuste 23](#_Toc106523591)

[III. As Mulheres Masculinizadas 30](#_Toc106523592)

[IV. A Pirâmide de Poder 37](#_Toc106523593)

[V. A Quem Pertence Nossos Corpos? 43](#_Toc106523594)

[VI. Reprodução Mulher-Mulher 53](#_Toc106523595)

[VII. Pecado Original: Ainda Somos Eva? 63](#_Toc106523596)

[VIII. Razão — O Fruto Proibido 73](#_Toc106523597)

[IX. Esfaqueadas por Palavras 83](#_Toc106523598)

[X. Feminismo — Ciência ou Fé? 93](#_Toc106523599)

[Epílogo: O Futuro é das Mulheres 107](#_Toc106523600)

[Decálogo do Novo Feminismo 113](#_Toc106523601)

*“O que eu sei do homem foi escrito há muito tempo...*

*Cuidado com o homem, pois ele é o peão do demônio,   
o único ser entre todos os primatas de Deus que mata por esporte, ou cobiça, ou avareza.*

*Ele matará seu irmão para possuir sua terra.*

*Não o deixe nascer em grande número.*

*Ele irá transformar a sua casa e a de vocês num deserto.*

*Combate tudo que está à sua volta, até a si mesmo.*

*Dirija-o de volta à sua toca no deserto.*

*Eu o temi como a própria morte.*

*Ele é o presságio da morte.”*

*Zaius*

# Introdução Um Fantasma Ronda o Feminismo

**H**

**esitei** muito tempo em escrever sobre a si­tuação atual de nosso matriarcado. Não porque seja tópico ultra­passado, mas porque, pelo con­trário, quase não se tem debatido outro assun­to nos últi­mos três mil anos. Poderia algo de novo — e cons­trutivo — ser dito a esse respeito? Ou teríamos nós, afinal, alcan­çado o apogeu nes­te nosso planeta das mulhe­res, zênite su­premo da exis­tência humana, a partir do qual nenhum outro progresso poderia ser feito?

Quem rege o mundo? Faça essa pergunta a qualquer pessoa, em qualquer lugar, e quem dirá outra coisa que não “as garotas”? É uma res­pos­ta óbvia, réplica au­tomá­tica memorizada nos anos da edu­cação básica. *As garotas regem o mun­do, controlam seu destino*. Afinal, se não são as pró­prias mulheres, quem mais poderia ocupar o co­man­do em uma sociedade 100% feminina?

E no entanto, nosso mundo é falho. Nossa civilização é defeituosa, corrupta. A feminilidade, hoje, *agoniza em decadência*, talvez mesmo rumo à sua extinção.

Então, se é a mulher que rege o mundo, ousa­ríamos sugerir — flertando com um possível discurso de ódio — que provém da pró­pria fêmea a raiz de nossos males?

Como historiadora, trago o testemunho de que, den­tre as infinitas páginas dedicadas à nossa história, às nos­sas ciências, temo não ter encontrado ainda *nenhuma* ex­pli­cação satisfatória para os paradoxos de nossa rea­lidade so­cial, para nossos dilemas emocionais, para a per­petui­dade exasperante de tantas mazelas ancestrais — para­digmas do patriarcado que deveriam ter sido deixa­dos para trás no momento em que nossas antepassadas chega­ram a Goslin, esta nossa terra prometida.

Nossas chagas milenares *ainda* sangram. *Ainda* te­memos os vultos da noite. Afinal, por que o patriarcado *ainda* nos oprime?

Em face desta tormentosa realidade que atinge a to­das nós, meu intuito neste breve ensaio crítico é *propor ex­plicações plausíveis e soluções viáveis* para os desafios contemporâneos da feminilidade.

Para tanto, organizei este livro em dez capítulos, ca­da qual tratando de uma faceta da crise atual. Para cada um desses aspectos apresento uma recomendação (uma regra ou máxima) para lograrmos uma regeneração com­ple­ta do feminismo. O conjunto de regras, assim, formará um **decálogo** que, espero, venha a guiar as mulheres rumo a seu destino manifesto — isto é, a plenitude feminina.

Confesso, porém, que para tais assuntos preciso pôr de lado parte do meu profissionalismo (e por esta razão peço sinceras desculpas), porque antes de ser historia­dora, sou *mulher*. Porque antes de ser uma pesquisadora, uma cientista — que opera com a massa *cinzenta*, amorfa, do cérebro —, sou portadora de um útero — o gerador da vida —, de um peito emocionado, de um coração verme­lho-sangue. Como, então, falar *objetivamente* sobre a femi­nilidade?

Sempre tivemos problemas, é verdade. Mas não co­nhe­cemos, em nossa história, nenhuma crise de propor­ções semelhantes às atuais. Assistimos, hoje, ao desman­telamento gradual, porém inexorável, do *feminismo*, arti­culado por forças malignas provenientes das mais diver­sas fontes.

Dada a urgência de arranjarmos uma solução para esta ameaça (que pode, sem dúvida, significar nossa extin­ção), a objetividade não passa de um luxo. Por isso mesmo, irmãs, quero abrir meu coração — como disse, não mais como pesquisadora, mas como corpo feminino, como fê­mea. Quero falar sem subterfúgios.

Nossa feminili­dade está enfraquecendo. Nossa fé na sororidade nunca es­teve tão abalada: a cada dia cresce o número de dissi­dentes, de incrédulas, de indiferentes, de sa­bo­tadoras. Esta­mos mais desunidas, mais *desumanas*. De um lado, vemos aquelas que não creem mais na mulher; de outro, as que titubeiam, incertas, inseguras de si mes­mas. Poucas resis­tem realmente.

E apesar da gravidade de nossa situação, muito hesi­tei em vir a público, temendo agra­var ainda mais as chagas da feminilidade ao tornar visíveis suas falhas. Sentia-me para­li­sa­da. Um evento re­cen­te, entretanto, fez abrir meus olhos, e deu-me a certeza de que não podemos esperar mais. Foi quando me lan­cei à escrita.

Refiro-me, é claro, à chegada da primeira transmis­são do *planeta dos homens* desde nossa separação histó­rica — um evento absolutamente sem precedentes.

Até então, nada sabíamos sobre o destino tomado pe­la mascu­li­ni­dade após a grande fratura civilizacional. Teriam os ho­mens finalmente se aniquilado uns aos ou­tros? Qual teria sido o novo alvo da opressão patriarcal? Qual é a situa­ção de seu planeta em comparação ao nosso? Perguntas co­mo estas poderão finalmente ser respondi­das, a partir da transmissão que recebemos na última prima­ve­ra. *Mas o que faremos com as respostas?*

Pensávamos estar sozinhas. Eles, porém, confessam estar nos observando pelos telescópios. Provavelmente sem­pre estiveram. Se hoje nos encaminham uma trans­mis­são não solicitada, após séculos de desavergonhado voyeurismo, o que esperar do amanhã? Estaremos pron­tas para nos defender, caso eles decidam atacar?

Por enquanto, a transmissão do planeta dos homens ainda está em processo de decodificação, mas tudo indica que a mensagem terá sido inteiramente transcrita nas próximas semanas, pelo que espero poder inclui-la na presente obra. Porque, com grande probabilidade, o conteúdo da transmissão será de grande relevância para o tópico de que tratamos neste livro: no melhor dos casos, será mais um exemplo de misoginia, talvez algum compêndio de piadas machistas enviado do outro lado da galáxia para deleitar o doente ego masculino; no pior, o aviso sadista de uma invasão iminente.

A transformação, faz-se óbvio, não pode mais espe­rar. Devemos identificar e eliminar todos os obstáculos ao feminismo pleno, re-empoderar a mulher, fortalecer outra vez nos­sa sororida­de. E para tanto, a autocrítica nunca se fez tão importante.

Nunca, porém, *nunca* duvidemos de *quem* é nosso inimigo. Nunca esqueçamos *o dia em que des­mantelamos o patriarcado*. Este é o pensamento que, creio, dará início à restauração de nossa causa.

Por pior que tenham sido as coisas por aqui, desde o início, e por mais que tenhamos nos digladiado, jamais ou­se­mos questionar se nossos esforços e escolhas foram em vão. Se há um *pensamento proibido*, é este: o de duvidar­mos de nossa *justificação moral*.

Nossa luta foi, é e sempre será a luta *justa*. Não por­que embasamos nossas ideias e ações em uma “filosofia ética”, ou em um “sistema lógico e coerente” com bases cartesianas, cientificistas, positivis­tas; não. Esse tipo de justificação, como sabemos, é uma falácia voltada para a dominação, um artifício pernicioso de matriz patriarcal. Sabemos que nossas ideias e ações são justas porque, como mulheres, guiamo-nos por nossos corações — e eles jamais nos mentem. *Nós o sabemos por­que nós o sentimos*.

Nas próximas páginas, portanto, pretendo apresen­tar as últimas barreiras que precisaremos transpor para alcançar nossa liberdade civilizacional — isto é, a conquis­ta plena da *liberação feminina*.

A história, até hoje, não foi nada mais do que a *his­tória da luta dos sexos*. Hoje, esta­mos à beira de atingir o apo­geu da existência humana, en­cerrando de vez a doloro­sa dialética sexual; mas isso não será possível até que ven­çamos o que tenho chamado de “desafio final”.

Porque, minhas caras, é verdade que ne­nhum ho­mem jamais pisou neste planeta, em três mil anos de his­tó­ria, mas é ainda ele, o *macho*, que nos atormenta, que nos persegue, que nos amordaça: ele continua, como um fantasma, como um vírus, como uma peste, dentro de cada uma de nós. Quase como se, uma vez tendo pene­trado a fêmea, seu espírito masculino jamais a tenha aban­donado.

Todas nós sabemos qual é a arma que se usa contra o homem. *Então, armemo-nos, e saiamos à luta!*

# I O Divórcio dos Sexos

**F**

**alemos** de sexo.

O melhor e o pior do ser humano, como sabe­mos, emergem de sua natureza biológica. Nos­sas pulsões mais nobres — amor, compaixão, sororidade — são apenas expressões de nos­sos instintos; nossos aspectos mais vis — ódio, egoísmo, violência — constituem-se, assim também, como o lado sombrio de nos­sa espécie. Cada uma de nós possui essas forças, boas e más, lutando dentro do peito.

Ao contrário do que pregam algumas doutrinas, po­rém, a harmonia jamais será alcançada por meio de um equi­líbrio entre o bem e o mal, isto é, entre as pulsões de vida (femininas) e as de morte (masculinas). Afinal, o que se poderia obter com isso, senão o bem diluído no mal?

Se nossa alma é como o Yin-Yang, não nos engane­mos: é o Yin (a escuridão) o responsável por todos os nos­sos infortú­nios, nossas falhas, nossa sina milenar. Não há nada de desejável em sua existência.

Portanto, não devemos buscar um equilíbrio com o lado oposto. Não se obtém harmonia misturando a água ao ve­ne­no. Daí a conclusão: a masculinidade não deve ser harmonizada com a feminilidade; ela deve ser erradicada.

E ainda que seja um clichê, a primeira coisa que pre­cisamos reforçar em nossa sociedade — se quisermos sal­vá-la — é a *consciência de gênero*. É imperativo que reafir­memos nossa *identidade coletiva feminina*.

Como toda menininha sabe desde os cinco anos de idade, a espécie humana assemelha-se às outras espécies de animais, sendo dividida, por força da biologia, entre machos e fêmeas. Assim como nas outras espécies, *a fê­mea é o organismo principal*, pois somente ela é capaz de pro­criar. A função do macho, na natureza, resume-se a fe­cundar a fêmea e, quando muito, protegê-la de algum peri­go (embora, no geral, a ameaça às fêmeas não seja outra coisa que não a violência de outros machos).

O macho, em resumo, é um mecanismo acessório da fêmea.

No entanto, com a ciência e as tecnologias desenvol­vidas pela espécie humana (em especial pelas mulheres), chegamos a um ponto civilizacional — há certa de três mil anos — em que o macho não era mais necessário, passan­do a representar, aliás, o principal obstáculo para que nos­sa espécie atingisse seu potencial.

Graças aos avanços femininos na ciência, o macho veio a se tornar uma relíquia inteiramente dispensável. “Uma mulher sem um homem é como um peixe sem uma bicicleta” passou a ser senso comum.

Em resumo, chegou o dia em que cada um dos sexos foi para um lado. Até aquele momento, isso teria sido im­pensável. Porque, como se acreditava, *homens e mulhe­res “dependiam” uns dos outros*. Este óbvio discurso de ódio (a ideia de que a mulher *depende* do homem) era pen­samento cor­ren­te, ensinado até mesmo nas escolas. Reinava, como sa­bemos, a opressão de gênero, e os homens, ao mesmo tem­po coordenadores e escravos do patriarcado, subme­tiam as mulheres aos seus caprichos, à *escravidão*, à *alie­na­ção*, à *exploração sexual*, à *objetificação*, à *humilhação*. Nossas antepassadas viviam diariamente o pior dos pesa­delos.

Houve, então, o divórcio: nossa libertação histórica.

Até onde se sabe, nenhum macho jamais pisou em nosso planeta. No que tange à sexualidade masculina, *Gos­lin é um mundo virgem*. Nosso mundo de origem, a “Ter­ra”, parece ter sido completamente abandonado, entregue à governança das baratas em um reino de fuligem e lixo radioativo. Sem exceção, todas as mulheres migraram pa­ra Goslin. Para um outro planeta, ainda, o planeta dos homens, dirigiram-se todos os machos.

Seria de interesse informar aqui alguns dados astro­nô­mi­cos sobre a localização de Goslin em relação à antiga “Ter­ra”, assim como a posição cósmica do planeta dos ho­mens e um pouco sobre sua geografia, mas temo não ter conhecimento suficiente nesses assuntos. Entendo apenas que cada um desses três planetas orbita uma galáxia de tipo pulsar, em lados distintos da Via Láctea, mas é incerto se compartilhamos a mesma lua, e se o sol, devido a seu tamanho, é de fato uma estrela.

De todo modo, nunca é demais ressaltar que a chave de nossa libertação foi a *razão*. O *pensamento crítico*.

Não foram os instintos biológicos, controlados por glândulas evolutivamente programadas para privilegiar a estrutura patriarcal, que nos serviram de aliados. Não fo­ram nossas pulsões emocionais, nossa irracionalidade emo­tiva, apaixonada, que nos gerou os instrumentos para a liberdade. A mulher que ama demais, que perdoa tudo, que enxerga nas deformidades masculinas a atração da di­ferença — esta em nada contribuiu para nossa emancipa­ção. Nossos sentimentos nos iludiram por milê­nios, nos tornando conformadas com a “proteção” e o “amor” de um homem, nos condicionando a idolatrar nos­sos tiranos, a nos sacrificar por nossos algozes em uma Síndrome de Estocolmo de escala mundial.

Não, não foram nossos sentimentos que nos infor­ma­ram a verdade, e que nos conduziram à luz. Foram as *ciências*, o *pensamento crítico*, a *análise abstrata*, o uso da *lógica*, do *empirismo*.[[1]](#footnote-1)

Esses mecanismos da ciência nos permitiram en­con­trar, em meio ao céu infinito, estes novos e mara­vi­lhosos mundos habitáveis; nos ensinaram a atravessar o vácuo congelante do espaço em sofisticados cruzeiros ce­les­tes. E, acima de tudo, foi a ciência que nos libertou da necessidade espúria do *ato sexual heterossexual*.

Portanto, este é meu primeiro apelo para con­sertarmos nosso lar: recuperemos nosso talento cien­tífico, irmãs.

**1. COLOQUEMOS A RAZÃO ACIMA DE TUDO.** A **razão** conduz à emancipação. Ra­cio­cínio, lógica e ciência são os me­lhores alia­dos da mulher. A **emo­ção**, pelo con­trário, é es­cra­vocrata de mu­lhe­res: sentimentos são engano­sos, e estão progra­ma­dos para condicionar a mu­lher à sua fun­ção biológica primitiva.

Esta é a primeira regra que proponho para refor­mar­mos o feminismo. Libertemo-nos de nossas raízes bio­lógicas, do *sexo binário* original, através de nossa inteli­gên­cia e do conhecimento que acumulamos.

Por cansativo e tedioso que seja, devemos fazê-lo pa­ra concretizar nossa sororidade. Goslin nunca será a *uto­pia* que sonhamos se não instrumentalizarmos nossos so­nhos com ferramentas eficientes. E nós sabemos que so­mos capazes de tudo isso, e muito mais — só pre­cisamos *pôr a mão na massa*.

# II O Grande Embuste

**P**

**ara** que possamos *pôr a mão na massa*, entretanto, precisamos an­tes saber *como tudo de fato começou*, para não in­corrermos em uma repetição da história.

Na tarefa de compreender nosso passado, em espe­cial os primeiros anos e décadas de nossa civilização, tem sido fundamental a investigação do corpus de manus­critos ancestrais preservados em bibliotecas e museus ao redor do mundo todo. Em geral, trata-se de diários pes­soais, cartas, anotações esparsas (a imprensa e a internet só vieram a ressurgir em nosso planeta após vários séculos).

Como historiadora, confesso não ser nada fácil ex­trair dados relevantes sobre a situação político-econô­mi­ca da nossa primeira era. A maior parte dos escri­tos dis­poníveis concentra-se no testemunho do esta­do emo­cio­nal das autoras e de fatos prosaicos ou caseiros de suas vidas. Um gênero literário conhecido como “fanfic” tam­bém era popular à época, mas desconsiderando certa ob­sessão por vampiros, lobisomens e homens bilionários, pouco se pôde de­pre­ender desse tipo de material.

Acredita-se que 23% de todo o conteúdo posto em papel nas primeiras décadas resume-se a boatos, críti­cas e julgamentos sobre outras mulheres, e outros 61% de­dicam-se a queixas em relação aos namorados, maridos e amantes dei­xados para trás, com listas longas e minuciosas sobre seus de­feitos. Algumas antropólogas sustentam que esse fenô­me­no foi crucial para a estruturação da civilização matriar­cal, ten­do estas especialistas refutado a ideia de que se tra­tasse apenas de *fofo­cas,* *bisbilhotices, choramingos* e *mexe­ricos* motivados por vaidade, inveja e recalque.

Que nossas antepassadas da era primordial pos­suí­am compreensão global do mundo de sua época, e que se interessavam profundamente por assuntos como econo­mia e teoria política, estudando-os a fundo, disso *não po­demos ter dúvidas*. Resta, porém, entender por que pouca menção faziam a questões de relevância ou de maior esco­po, ou por que, quando o faziam, quase sempre se limita­vam às suas perspectivas emocionais ou a modelos super­ficiais e distorcidos de explicação.

De todo modo, a partir do banco tex­tual de que dis­po­mos, pudemos extrair algumas informa­ções importan­tes para mapear nossa primeira era.

Os relatos do *primeiro dia* em Goslin são muito ricos, e o relem­bra­mos anualmente comemorando o Pat­tin­son Day. Pessoal­mente, gosto de narrá-lo como se o tivesse testemunhado, porque o espírito feminino é uno e eterno, e o que uma mulher vive, outra mulher sente.

Esse primeiro diafoi de grande alegria, des­con­tração, festa e confraternização. Como os homens ha­viam admitido sua *dívida histórica* conosco, providen­ci­aram man­timentos de grande variedade e para longo pe­ríodo, não só para alimentação, limpeza e saúde, mas tam­bém para a construção de casas, cidades, transportes, ela­bo­ração de pontes, prédios, estradas, fábricas, além de todo um enorme banco de dados técnicos e científicos.

Naturalmente, no dia de nossa chegada, a exaltação era demais para que nos preocupássemos com qualquer outra coisa senão celebrar. Nada mais compreensível: *ha­vía­mos ansiado desde o início dos tempos por essa liber­dade*.

Como fomos descobrir mais adiante, o auxílio que recebemos para migrar, bem como todos os mantimentos, aparatos tecnológicos e bancos de dados contendo a soma da cultura e da ciência humanas — tudo isso não passava de um grande engodo, um embuste masculino de propor­ções colossais. Já no segundo dia algumas irmãs começa­ram a perceber: *havíamos sido ludibriadas*.

Havíamos literalmente voltado ao tempo das ca­ver­nas. Sem eletricidade, sem água encanada, sem sistema de esgoto, sem estradas e até mesmo sem internet. Os smart­phones já não serviam para nada, e a bateria de todos ha­via morrido. Era impossível chamar uma pizza, ou postar nossas *selfies* no Instagram.

Os homens haviam nos “presenteado” com gerado­res de energia, para que pudéssemos consultar os dados nos computadores e iniciar a construção de capta­dores de luz solar, de energia eólica, de hidrelétricas, de usi­nas nu­cleares, etc. Mas as irmãs usaram a carga limi­tada dos ge­radores com pouca sabedoria, devido às defi­ciências de sua instrução de infância (obviamente machista).

Nenhu­ma daquelas mulheres havia sido ensinada nem incentiva­da ao planejamento estratégico, à explora­ção de soluções para problemas lógicos, à experimenta­ção, à autodisci­plina, às técnicas computacionais, *coisas que todo garoto aprendia*.

Assim, a princípio considerados como um auxílio dos “aliados do feminismo”, os geradores revelaram-se uma piada misógina: nunca ficamos sabendo como os últi­mos quilowatts de energia foram gastos, mas logo está­vamos à mercê da natu­reza.

O próximo engodo foi ainda mais cruel. Para cada informação que havíamos recebido nos computadores, os homens haviam nos enviado uma versão impressa. Como não podíamos mais acessar os computadores (seis meses haviam se passado, os geradores haviam morrido e ne­nhum novo sistema elétrico havia sido instalado com sucesso), fomos obrigadas a consultar os papéis — que, obviamente, não ofereciam um sistema de busca instan­tânea, dificultando nossas consultas por informação. Mas, também aí, tivemos uma surpresa.

Outra vez, a *educação machista* dada às mulheres re­velou sua perversidade: quase nenhuma das irmãs havia se atinado da necessidade de proteger a massa de papéis das intempéries, e quase nenhuma delas sabia como cons­truir uma estrutura fechada e grande o bas­tante para tan­to; algumas poucas dispunham do conheci­mento técnico, mas se recusaram a fazer tudo sozinhas, alegando falta de cooperação das companheiras. Como re­sultado, a chuva e o vento levaram embora os papéis, e os que restaram haviam sido manchados até o ponto da ilegi­bilidade.

Desnecessário dizer: *reinava o caos*.

Vivíamos de forma extremamente precária, mal abri­gadas do vento, da chuva, do calor e do frio. Insetos e pe­que­nos animais roubavam a pouca comida que conse­guíamos coletar. Muitas irmãs veganas morreram de fo­me, e outras precisaram abdicar de sua religião. *Como a natu­reza poderia ser tão violenta e ingrata para conosco?*

Tantas de nós éramos amantes das florestas, dos rios, do ecossistema, defensoras da fauna e da flora; de re­pente, passamos a ser perseguidas por ursos, leopardos, ata­cadas de cima por abutres, molestadas de baixo por co­bras; nossos corpos foram se deteriorando em ritmo ini­ma­ginável: peles e cabelos ressecados, rachados, man­cha­dos, dentes careados, quebrados, unhas despedaçadas, pe­los em toda parte. As mais diversas doenças começaram a se proliferar em nossas comunidades — geradas por ví­rus, bactérias, fungos —, exterminando grupos inteiros de nossa população.

*O universo literalmente tentava nos consumir*, e não sabíamos o que fazer a respeito.

A mais cruel das ironias talvez tenha sido que, sem eletricidade, passamos a ter que dedicar metade de nossos dias preparando os alimentos, limpando nossas “casas” e lavando nossas roupas na mão à beira dos rios. Não havia geladeira, não havia fogão, não havia micro-ondas, não ha­via aspirador de pó, não havia máquina de lavar, não havia *nada*. Tudo apodrecia, tudo mofava, tudo era levado por ra­tos e macacos. Nosso mundo inteiro virou uma grande cozinha em que o trabalho nunca findava.

Hoje, após milênios de avanços técnicos, enxerga­mos esses horrores com certa graça, como *inconvenientes* de um passado remoto. Porém, é engano pensar que tais condições não possam retornar, em maior ou menor me­di­da, caso não atentemos para a importância de nossas conquistas civilizacionais femininas, pelo que proponho:

**2. A TRADIÇÃO CIVILIZACIONAL É NOSSA MAIOR HERANÇA E DE­VE SER PRESERVADA.** O **projeto civili­za­cional** é a única coisa que nos separa da selvage­ria, do caos e do sofrimento descon­trolado. Prote­ja­mos nossa civilização e to­memos ciência de sua importância frente aos fenômenos destrutivos da **natureza**.

Afinal, nossa civilização é o legado, a herança do tra­balho árduo de incontáveis mulheres que nos precede­ram. Em sua luta para melhorar sua qualidade de vida, e da das novas gerações, elas erigiram o mundo em que vivemos. Devemos *conservá-lo* como um de nossos bens mais preciosos.

Os primeiros anos em Goslin constituem o melhor argu­mento de que dispomos contra o chamado “estado de na­tu­reza”. Essa situação de tormento, porém, logo começou a mudar. Foi quando deram as caras as *irmãs masculini­zadas*.

As coisas começaram a melhorar a partir de então, é preciso admitir. Mas não sem um preço.

# III As Mulheres Masculinizadas

**M**

**esmo** nessas primeiras décadas de nossa história, ha­via entre nós um grande número de mulheres bem ins­truídas, capazes de re­sol­ver — quase sem a ajuda de livros — problemas com­plexos em medicina, engenharia, eletrô­nica, informática, agronomia, etc.

Poderíamos pensar que, *como mulheres*, elas esta­riam dispostas a compartilhar seus talentos e oferecer seus serviços às irmãs, sem adotar uma postura *competiti­va* e *egoísta* (como se esperaria de um ho­mem). À época pensou-se o mesmo, mas com que en­gano!

Se essas mulheres conheciam as ciências, era porque haviam *aprendido com os homens*, que até então de­tiveram o monopólio do conhecimento. E foi nesse con­ta­to com o mundo masculino que essas mulheres adota­ram valores como a competitividade, o egoísmo e a cobiça.

Já não enxergavam o coletivo como uma forma de trocar energias femininas, mas como fonte de lucro a ser ex­plorada, como oportunidade para extrair e acumular bens.

Quando uma irmã lhes pedia para construir uma cadeira, por exemplo, respondiam: “Claro, querida! E o que você pode fazer *por mim*?” E não havendo nada que a irmã necessitada pudesse fazer de interesse à *mulher mas­culinizada*, a ajuda era negada.

Faço minhas as palavras de Madeleine Albright, uma feminista primitiva que, ainda no mundo pré-migração, postulou:

Há um lugar especial no inferno para mulheres que não ajudam outras mulheres.

Em resumo, a *semente da discórdia* havia sido trans­mitida até nós através do *conhecimento*, cavalo de Troia da ideologia patriarcal. Tornara-se evidente, a partir de en­tão, o perigo que a *inequidade intelectual* apresentava à sociedade. O acúmulo desigual de saber entre as mulheres revelou-se a causa de sérias desigualdades sociais.

Uma famosa mulher masculinizada da primeira era, Margareth Rand, chegou a declarar publicamente, repre­sen­tando a opinião de outras tantas (*alerta de gatilho*):

Nós ajudamos nossa comunidade por vários anos sem qualquer interesse pessoal. Dedicamos nosso tempo integral às necessidades coletivas sem pedir nada em troca. Oferecemos nossos esforços e nosso tempo para ensinar as técnicas necessárias para a manutenção da civilização, e dispusemo-nos a transmitir o conheci­men­to às irmãs. Mas que retorno tivemos?

Poucas buscaram estudar nossas disciplinas. Poucas se dispuseram ao trabalho pesado, ou às ciências exatas. Dentre todas, quantas se voluntariaram para construir máquinas, casas, estradas? Todas necessi­tamos de colheres, facas, panelas, enxadas, mas quan­tas aceitaram abrir minas e extrair metais? Todas precisamos de portas, janelas, mesas e cadeiras, mas quantas se dedicaram ao corte e replante de árvores, ou à marcenaria? Todas queremos dispor de copos, garrafas — mas quantas se empenharam em cons­truir fornos para fundir areia em vidro? E os tecidos, nossas roupas: por que tão poucas constroem os tea­res? Quantas se disponibilizam a construir estradas, ou transportes? Todas demandam eletricidade, água encanada, um banheiro limpo; mas quem abre os bu­racos, liga os canos, extrai o petróleo para, com o plás­tico, isolarmos as fiações? Aliás, se fazem alguma coi­sa com dedicação, é nos hostilizar por tentarmos ex­trair petróleo, ou cortarmos árvores. Quem levantará as antenas para que, algum dia, tenhamos sinal de rádio, de telefone, de internet, como tínhamos? Algum dia voltaremos a ter chuveiros, geladeiras, micro-ondas, computadores, celulares, televisões, impresso­ras, câmeras, se não formos capazes de nos articular socialmente de forma disciplinada e em larguíssima escala, a fim de angariar toda a mão de obra e os ma­teriais necessários para prover tais tecnologias? Al­gum dia voltaremos a produzir remédios eficientes pa­ra curarmos nossas doenças, para eliminarmos nossas dores, em especial nossas cólicas mensais? Algum dia reaprenderemos a remover cânceres, a pre­parar vacinas?

E entretanto, se esse fosse todo o problema, a situação ainda seria justa, pois estaríamos apenas escolhendo nos­so modo de vida. Mas essa não é toda a história. Pois quantas exploraram e ainda demandam a explo­ração de nosso trabalho, de nossos anos de estudo e profissionalização, retribuindo-nos com “obrigadas”, ou nos forçando a aceitar em troca serviços e uten­sílios de que não precisamos? Quantas nos chamam de egoístas por não satisfazermos seu próprio egoísmo?

Seremos chamadas de céticas, de cínicas; mas o fato é que não acreditamos mais que o coletivo irá se arti­cular de forma justa por si mesmo. Seremos chamadas de traidoras, mas o argumento da sororidade não mais nos convence, porque nunca fomos uma só en­tidade, “o feminino”: somos indivíduos diferentes. Umas com caráter, outras sem. Umas trabalhadoras, outras preguiçosas. Umas honestas, outras mentiro­sas. Se o que nos une como mulheres é a biologia de nosso corpo, então, de fato, não temos nada em co­mum, porque somos seres humanos, e não aglome­rados de carne.

Nós decidimos contribuir com a sociedade na exata medida em que obtivermos contribuições em retorno. E será nosso direito decidir quando iremos contribuir ou não, segundo nossos próprios critérios, e a nin­guém caberá impor sua decisão sobre nós.

Muitas historiadoras consideram essa declaração como a primeira grande manifestação *antifeminista* de nos­so mundo. De cada uma das palavras transborda des­res­peito, arrogância, ódio, ingratidão e hipocrisia.

E como acreditar que, em um mundo habitado so­mente por mulheres, testemunharíamos a apoteose do *man­s­plai­ning*?

Ao contrário do que parecem pensar as mulheres masculinizadas (as de ontem e as de hoje), toda irmã deve ser livre para escolher sua área de atuação e seus inte­resses. Por conseguinte, nenhuma mulher deve ser com­pelida a vedar canos, construir lâmpadas, parafusar es­tantes. Porém, se uma destas profissões é a *sua* profissão, com que argumentos você poderia se negar a realizá-la (com ou sem remuneração), frente às necessidades *do co­letivo*?

Mas, como se vê, nossa civilização já se encontrava dependente dos serviços monopolizados pelas mulheres masculinizadas, estando à mercê de suas “condições de negócio” (isto é, seus caprichos). E ainda que, à época, não existisse dinheiro, visto que se tratava de uma economia de escambo, elas se revelaram experts em exploração eco­nômica.

Logo ficou evidente que, devido à desunião, à cor­rosão da sororidade, algumas irmãs passaram a dispor de grandes vantagens sociais, acumulando bens e privilé­gios apenas porque sua profissão era mais demandada do que as demais. Outras irmãs, com efeito, começaram a pas­sar fome, pois eram poucas as pessoas que se interes­savam por seus serviços — como no trágico caso das ven­dedoras de miçangas.

Estaríamos diante de um pa­triarcado das mulheres?

A desigualdade econômica cresceu como uma praga. As trocas de bens e serviços tornaram-se tão complicadas que uma das antifeministasconseguiu aprovar a *reimplan­tação do dinheiro*, sob o pretexto de facilitar as transações.

Obviamente, não tardou para que algumas delas acu­mu­lassem capital, recusando-se a dividi-lo igualitaria­men­te, alegando o antigo “direito de propriedade pri­vada” instaurado pelo neoliberalismo de orientação fascista.

Em efeito cascata, assistiu-se ao surgimento de ban­cos, bolsas de valores, especulação imobiliária... Aque­le hor­ror da nossa pré-história, o *liberalismo meritocrático* (na­da mais do que um desdobramento da masculinidade tóxica), estava nos perseguindo através das estrelas, vin­do a nos assombrar em nosso mundo não mais inocente.

Irrompia, mais uma vez, a opressão do *capitalismo*.

Diante desta que é a causa máxima das desigual­da­des em nosso mundo, faz-se urgente restabelecer uma mo­ral severa, implacável contra o egoísmo:

**3. O COLETIVO SOBREPÕE-SE À IN­­­­DI­­VIDUALIDADE.** Nenhuma mulher é mais dona de algo do que outra mulher, pois que a feminilidade é **coletiva**. Sabemos que a mulher não nasce mulher: ela *se tor­na* mulher através do alistamento femini­no. Assim, aquela que se opõe ao coletivo **não pode ser tolerada**, pois não é mais mulher, ao trair a causa coletiva e ser in­grata frente às conquistas do feminismo.

# IV A Pirâmide de Poder

**N**

**os** dias em que lecionava história no ensino básico, as meninas costumavam me perguntar, perplexas: “Por que nossa sociedade dá mais valor a dinheiro e poder do que ao amor e à sororidade?” Até hoje busco uma resposta.

Prossigamos nosso passeio pelo passado, a partir da ascensão das mulheres masculinizadas.

Havia se formado, em poucas décadas, uma hierar­quia bem definida, uma pirâmide de dominância, influên­cia e status. Como um *patriarcado*. Para a parte de baixo da pirâmide social foram empurradas as irmãs menos “pro­dutivas”, sob acusação de serem menos talentosas ou de empenharem menor esforço em suas funções.

Curiosa­mente, nenhum sistema político ativamente opressor foi necessário para estruturar essa hierarquia: o “livre” mer­cado o fez por si mesmo.

O nível mais baixo da pirâmide social foi denomi­nado *proletariado*, e suas integrantes foram classificadas co­mo “abaixo da média”, ou “desqualificadas”. Logo acima desse segmento, na nova hierarquia, encontrava-se a clas­se média, ou *burguesia*, cujas integrantes eram todas sor­riso e caridade com as irmãs de baixo — em sua hipocrisia, pois claramente as desprezavam —, nutrindo, no fundo, pavor à ideia de escorregar para a base da pirâmide. Sabe­mos disso pelos relatos em seus diários: secretamente, tinham ojeriza ao proletariado e ambicionavam chegar ao topo, odiando, no entanto, as mulheres que estavam acima, corroídas pela inveja.

No ponto mais alto da hierarquia, sempre paranoi­cas sobre a possibilidade de serem desbancadas, apunha­ladas pelas costas, traídas pelas irmãs mais próximas, es­ta­vam as líderes, a *elite* — presidentas, governadoras, prefeitas, empresárias milionárias ou bilionárias, CEOs de grandes corporações, celebridades e mesmo líderes religi­osas. Em parte alguma enxergava-se *igualdade*.

A sociedade matriarcal transformara-se num espe­lho rosa do patriarcado.

Não podemos olvidar, contudo, que a pirâmide hie­rár­quica trouxe alguns benefícios para a sociedade de Gos­lin, ainda que isso pareça um contrassenso.

Com o tempo, por exemplo, as necessidades básicas da população começaram a ser atendidas, e a qualidade de vida começou a se recuperar, devido à implantação tecno­lógica e ao uso de métodos mais eficientes nas mais diver­sas áreas. Era imposta disciplina às profissionais, agora compeli­das a desempenhar suas funções segundo os crité­rios definidos de forma unilateral pelas empresárias ou che­fes de Estado, sob ameaça de sanções ou desemprego. Estabelecia-se a *meritocracia*, a ideologia que mais efi­cien­te­mente corrói a sororidade, levando à desunião e à competição entre as irmãs (agora rivais).

Diante dessas mazelas sociais, muitas pensadoras se questionaram, ao longo dos séculos: Seria justificável per­mitir tantas desigualdades sociais? Não haveria uma ma­nei­ra melhor de estruturar a sociedade feminina?

Assim, não tardou para que surgissem as *revolucio­nárias*, dentre elas Carla Marx e Frida Engels. Sua contri­buição para a compreensão da pirâmide de opressão foi de grande valia para as classes marginalizadas desde en­tão, influenciando muitas intelectuais.

Infelizmente, poucas vitórias foram de fato conquis­tadas contra o capitalismo; no entanto, já dispomos da teoria política necessária para estabelecer um mundo intei­ramente justo e igualitário — o *comunismo feminista* —, bastando apenas descobrirmos como implantá-lo sem arruinar a economia nem promover genocídios.

Não pretendo me alongar mais nas questões econô­micas, pois que outras autoras têm oferecido contribui­ções muito mais ricas nesses tópicos do que minha baga­gem teórica poderia articular. São de grande interesse — e, portanto, recomendo — as seguintes:

* ***A Pirâmide de Poder* (em 21 volumes), por Carla Marx e Frida Engels.** Explora em minúcias o siste­ma econômico feminino em escala global, buscan­do as raízes da acumulação de capital e da forma­ção de classes. Por se tratar de uma leitura extensa, pode-se alternativa­mente ler a versão condensada (12 páginas), com ilustra­ções de Cléo.
* ***Pay Gap — Ontem e Hoje*, por Laci Strahlen­waf­fe.** Aborda a disparidade salarial (*pay gap*) entre femi­nistas e antifeministas, e traz brilhantes argu­mentos para a implantação de cotas no combate à discriminação.
* ***Imposto Rosa e o Preço de Ser Mulher*, por Kris­tina Zimy.** Neste estudo sobre a chamada *pink tax*, é demonstrado que feministas pagam 27% a mais pelos *mesmos produtos* em relação às antifeminis­tas. Zimy aponta que muitas mulheres se subme­tem *voluntariamente* a comprar produtos mais ca­ros, porém idênticos, apenas para dispor de um logotipo feminista na embalagem.

A exploração da mulher pela mulher é, sem dúvida, um tema que ainda levará tempo para ser compreendido, tendo em vista sua natureza francamente paradoxal. Não podemos crer que “a mulher seja a loba da mulher”, para usar as palavras de Tônia Hobbes. Entretanto, as ramifi­cações dessa realidade são detectáveis em todos os cam­pos existen­ciais, pois o capitalismo a tudo corrompe.

E como sabemos que o capitalismo não se permite derrotar pelo diálogo, resta-nos pouca alternativa senão advogar pela *revolução*.

**4. A RESISTÊNCIA À MUDANÇA SÓ PODE SER VENCIDA VIA VIOLÊN­CIA.** Frente à **violência econômica** do ca­pi­talismo, toda **violência revo­lu­cionária** é justifi­cá­vel. A guerra libertadora dos revolucionários é infinita­mente preferível à paz opressora do livre mercado. Só com **armas** se vencerá o ego­ís­mo, e só à força garantiremos liberdade.

E é também a partir des­se paradigma mercantil que se esta­be­lece uma das formas mais sinistras de *desuma­nização sistêmica*: a *objetificação da mulher* — um pro­cesso pelo qual até mesmo o *corpo* feminino é trans­formado em pro­duto, em commodity, escravizado pelo capital.

# V A Quem Pertence Nossos Corpos?

**A**

**bominação** ancestral, a *objetificação* do corpo femi­nino é um olhar desumanizante sobre as mulheres, consti­tu­indo-se, infelizmente, em um lugar-comum que se per­petua livremente em nossa so­ciedade. Antropólogas, so­ció­logas e psicólogas têm falha­do em explicar o fenômeno.

Nossa classe acadêmica, intelectual, tem por séculos combatido os *padrões irrealistas de beleza* e a *normatiza­ção do belo*, mas à grande maioria das mulheres continua faltando a *conscientização* sobre estas perspectivas falo­cêntricas. Várias pesquisas têm apontado que, ainda hoje, as mulheres têm julgado a si mesmas conforme critérios masculinos e sexistas.

As massas permanecem valorizando os corpos mais esbeltos, as peles mais lisas, os cabelos mais volumosos e brilhantes, abominando o que chamam de “imperfeições”: estrias, varizes, rugas, buço, etc. Ainda está vivo e tenaz o preconceito contra as mulheres acima do peso (gordofo­bia), as que não se depilam (capilofobia), as que tingem seu cabelo de azul ou vermelho (calopsitofobia), as que se ta­tuam (tipofobia), as que se vestem de forma alter­nativa (clownfobia), entre muitas outras formas de discri­minação.

Não por acaso, as características socialmente mais bus­cadas e valorizadas são as mesmas que, antigamente, eram apreciadas pelos homens. Não havendo um macho se­quer para julgá-las, nossas mulheres permanecem sub­ju­gadas aos critérios masculinos de beleza.

Mas o que podemos fazer a respeito, dadas as pro­porções do problema? Nas artes — pinturas, fotografias, ci­nema, esculturas, arquitetura —, nas mídias — televi­são, internet —, no marketing — revistas, cartazes, out­doors, comerciais —, continuamos vendo a mesma *glori­ficação* do “corpo feminino perfeito”, um *padrão de beleza impossível* de ser atingido por mulheres de verdade (com exceção das que atingem, humilhando as demais de forma cruel). E o pior é que a maior parte do público parece “feliz” com essas representações.

Com exceção de nossas feministas mais engajadas, raramente se dá destaque a mulheres obe­sas, cadeirantes, corcundas, desdentadas, anãs, bulímicas, ou mesmo as idosas. Essas pobres mu­lhe­res são *socialmente invisíveis*.

Como intelectuais, devemos nos perguntar: Por que esses padrões de beleza patriarcais continuam nos afe­tando?

Nas propagandas de cosméticos, de maquiagem, de shampoos, de calcinhas, de lingeries, ainda vemos apenas as mulheres “mais atraentes” — o que, sabemos, fere irremediavel­men­te a autoestima de tantas irmãs, sendo causa direta de depressão e até de suicídios. Como ser uma pessoa honesta e não enxergar o sangue genocida escorrendo das mãos des­sas publicitárias?

Nossa educação tem sistematicamente falhado em ensinar nossas meninas que a *beleza é uma construção so­cial*, e que todas nós somos belas da mesma maneira.

Como consequência da objetificação de nossos cor­pos, temos uma série de outros quadros sociais lastimá­veis: academias de ginástica, por exemplo, valem-se das inseguranças femininas para fomentar o mercado *fitness*, potencializando a *competição* entre as mulheres e aumentando a **desigualdade estética** na sociedade. Cria-se, assim, uma *elite da beleza*, o 1%, marginalizando as demais em uma condição denominada “pobreza estética”.

Sem qualquer regulamentação, as empresas de *fitness* lavam as mãos frente às consequências sociais do **embelezamento tóxico** — mas não são as únicas. A competição estética é igualmente alimentada por companhias de cosméticos, pela indústria da moda, por cirurgiões plásticos e por grupos farmacêuticos voltados para a venda de drogas de emagrecimento. A promoção do capital estético é percebida até mes­mo nas áreas de medicina, em que se tem patologizado características físicas completamente saudáveis e naturais, como a obesidade e a anorexia.

Buscando se adequar aos padrões artificiais de beleza, cada vez mais mulheres procuram alterar seus corpos através de cirurgias, enxertos e mutilações médicas: aumento dos seios e dos glúteos, remoção de tecido adiposo, aplicação de botox, reconstrução de traços faciais, etc. Tudo isso para atrair o *male gaze*, o olhar masculino, ainda que não haja homem algum para isso. Está claro que milênios de *gaslighting* patriarcal demandarão outros tantos milênios para o reajuste psicológico feminino, e que esse processo de reconscientização ainda está longe de terminar.

Além desses fatores estéticos, vemos também o crescimento alarmante do mercado de bo­ne­cas infláveis e de *sex robots*, financiado principalmente por lésbicas e bissexuais — o que só vem a reforçar a ideia de que *mulheres são produtos*, reforçando estereótipos patriarcais. Também neste caso, o governo pouco tem feito para proibir esse tipo de comércio.

Outro agravamento nesse sentido foi a recente revo­gação da lei contra os vibradores em forma de pênis e outras *representações fálicas*. Outra vez, vemos uma in­fes­ta­ção de falos em nossa sociedade — pênis nas lojas, pênis nos filmes, pênis na arquitetura, pê­nis nos canapés, pênis em toda parte. São erguidas está­tuas em forma fáli­ca, sob alegação de serem “arte”, em vene­ração abjeta ao execrável símbolo da opressão masculina.

Mas talvez a problemática mais avassaladora seja a revelada pela Dra. Jazz Philips, em edição recente do periódico *Eu Tam­bém!* Trata-se de uma pesquisa realizada pelo Instituto Emma Watson, sob direção da Dra. Philips, onde são apresentados dados alarmantes sobre a *cultura de estupro*: segundo a pesquisa, a cada 44 mulheres, 42,5 afirmam já ter sofrido algum tipo de assédio sexual ou outro tipo de *quadro* *abusivo*, como cantadas não deseja­das, piadas desagradáveis, desconforto erótico, arrepen­di­mento pós-sexo, insatisfação orgástica e outras experi­ên­cias que, por uma razão ou outra, as desapontaram.

Infelizmente, tais situações não têm sido levadas a sério como deveriam, sendo inclusive defendidas ou negadas por algumas mulheres. Não deve ter escapado a ninguém a recente entre­vista de Lola Sommers à *FNN*, quan­do a modelo manifes­tou outra vez ideias negacionistas e reacionárias:

Que me perdoem a franqueza, mas só consigo inter­pretar como inveja todas essas críticas sobre minha ses­são de fotos na PlayGirl. Eu fui ensinada que nós po­demos fazer o que quisermos, que somos livres, que ninguém manda em nós. Não foi assim com todas nós? É o que nos ensinam. Liberdade sexual. Meu corpo, minhas regras. Então eu faço academia cinco vezes por semana, faço minha dieta, cuido do meu corpo, e quando aproveito minha liberdade para tirar fotos e pagar minhas contas, depois de muito trabalho duro, isso acontece: um exército de puritanas tenta me hu­milhar, tenta convencer as irmãs a não comprarem as revistas. Algumas fanáticas descobrem meu endereço e mandam cartas com ameaças... Tentam forçar o go­verno a tornar minha profissão ilegal, e colocar não só a mim, mas a centenas de outras profissionais no olho da rua. Então, me desculpem, irmãs, mas acho que me perdi um pouco na doutrina. Onde está a parte da liberdade nisso tudo? Quem está tentando contro­lar meu corpo? (FNN, 3034, n. 291, p. 31).

Mais adiante, quando perguntada sobre a objetifi­cação de seu corpo e sobre como ela lidava com a humilha­ção de ser admirada pela sua carne, ela respondeu:

Eu sou mais do que um corpo, mas as pessoas gostam de corpos bonitos. Corpos bonitos dão trabalho para manter, e essa é minha profissão. Isso é objetificação? Não sei. Mas não é muito diferente do que ser a melhor jogadora de basquete ou a melhor maratonista devido à fisionomia. E se estamos falando de objetificação, não é também objetificação essa nova moda obcecada com o pênis? Estamos na renascença do pênis, eu di­ria. Livros, filmes, arte, estou vendo em toda parte ima­gens de homens altos, musculosos, com falos ere­tos, grossos e compridos. Pensem o que quiserem, isso é objetificação reversa. (FNN, 3034, n. 291, p. 33).

Ainda que seja tarefa difícil, peço às leitoras que con­tenham sua indignação diante dessas declarações. Lem­brem-se que Sommers é uma modelo, não dispõe de edu­cação acadêmica e, como muitas, tem mais palavras do que ideias a oferecer.

Infelizmente, Sommers não é a única a acreditar que o falo estaria sendo *objetificado* pelas mulheres. A noção de “**objetificação reversa**”, contudo, já foi provada falsa pela opinião de várias pensadores. O pênis não é objetificado, mas *venerado*. Como ídolo de um culto satânico, acredito ter sido ele, o falo, o estopim das recentes ondas de violência que acompanhamos pela mídia. Afinal, de que outra maneira explicar a *cultura de estupro* em que vivemos?

Sim, onde se levanta um falo, só se pode esperar violência. Como entender o comportamento de tantas de nossas irmãs que, atualmente, têm utilizado força para abu­sar sexualmente de companheiras, de desconhecidas nas ruas ou festas, ou até mesmo de crianças? Tem crescido o número de assédios, agressões domésticas, de *feminicídios*.

Será possível que exista violência sem masculini­dade? Ou será que, no fim das contas, nós ainda trazemos um *homem dentro de nós*?

Nosso drama é que nem as *top models*, nem as pós-doutoras têm oferecido soluções minimamente eficientes para conter a *objetificação da mulher pela mulher*.

O que tenho a propor, tendo em vista esta realidade, é uma *absoluta e incondicional veneração do* ***eu***, do indivíduo. Por quê? Temos tentado conter os preconceitos com meias soluções, como, por exemplo, a promoção desta ou daquela forma de beleza, deste ou daquele tipo de cabelo, ou de *todos* os cabelos, ou de *todos* os corpos... mas continuamos míopes,[[2]](#footnote-2) porque avaliamos os caráteres, medimos os corpos, escrutinamos as personalidades; nós comparamos nossas irmãs, e as hierarquizamos, consciente ou inconscientemente, pelo que os movimentos de **positividade do corpo** sempre falharão.

A solução, creio, é **o fim de todo julgamento**. O *verdadeiro* fim, de fato: aquele em que a crítica não é dita, nem jamais sequer pensada.

Não seríamos todas mais felizes se soubéssemos que ninguém *jamais*, sob qualquer circunstância, pensaria algo negativo de nós?

Embora soe como uma espécie de utopia, esta solução é perfeitamente exequível, desde que todas se comprometam com a proposta. A ideia, na verdade, é simples, baseada em um *individualismo saudável*: somos todas perfeitas, cada qual à sua maneira, e em nada devemos mudar para *agradar as (o)pressões do coletivo*. Portanto, não faz sentido que julguemos outras mulheres. Qual seria a lógica de procurar defeitos nelas se, por princípio, somos todas perfeitas?

Desta linha de raciocínio, segue naturalmente minha quinta proposição:

**5. A INDIVIDUALIDADE SOBREPÕE-SE AO COLETIVO.** Toda mulher é **perfeita** à sua maneira, e não caberá jamais à sociedade pressioná-la, constrangê-la ou oprimi-la em suas ações e **liberdades individuais** para conformá-la a qualquer padrão de comportamento ou projeto político coletivo – com exceção deste, visto que nossa política é correta e bem-intencionada.

Resta, porém, um problema. O *único* empecilho para esta utopia se concretizar: a dificuldade de se obter 100% de aderência da população.

Sem total aderência, teremos dissidentes — e se tivermos dissidentes, seremos forçadas a *julgá-las*, o que irá ferir nosso princípio-base, que é eliminar o julgamento em nossa sociedade. Sem uma absoluta concordância social, portanto, a individualidade se mostra impossível. Trata-se de um *paradoxo* cuja única solução é a intervenção estatal.

Como, por exemplo, convencer mulheres como Sommers de que estão perpetuando estereótipos inalcançáveis de beleza? Como evitar a contratação de profissionais via mérito, uma forma de julgamento patriarcal? A solução é uma só: o *comunismo feminista*, com a distribuição de recursos igualitariamente e a ocupação de profissões via cotas cegas/sorteadas.

*Uma vez equalizada a todos os outros indivíduos, a mulher enfim poderá desfrutar da individualidade plena.* E sabendo que suas características e ações não terão qualquer impacto no mundo real, devido à equidade absoluta de tratamento recebido por toda a população, ela poderá finalmente alcançar a tranquilidade e a felicidade. Não há maior liberdade do que a certeza de que nossas ações jamais surtirão qualquer implicação na realidade.

O único valor da mulher, assim, será seu valor inerente, como *corpo feminino*, e ela não precisará temer que este valor seja maior ou menor do que o de qualquer outra mulher. Eis, enfim, a liberdade plena.

# VI Reprodução Mulher-Mulher

**M**

**uito** falamos sobre liberdade e libertação, mas raramente reconhecemos o papel crucial da reprodução mulher-mulher (RMM) em nossa resistência histórica. Hoje, o chamado *método tesoura* é tratado como algo dado, uma obviedade simples e banal da sociedade. Mas se ele, sem os avanços tecnológicas que o permitiram, nenhuma de nós estaria aqui.

E é razoável supor que também o planeta dos homens encontrou seu método de reprodução macho-macho. No momento em que escrevo este capítulo, a transmissão que recebemos dos homens parece já ter sido decifrada, segundo rumores, mas o governo ainda delibera se o conteúdo é adequado para divulgação. Como mulher das ciências, entendo que algumas informações sejam demasiado perigosas para o público geral, mas não há justificativa para censurá-las no contexto acadêmico. Há valiosas lições que poderemos aprender ao estudarmos o planeta dos homens — entre elas, sem dúvida, seus métodos reprodutivos, e possíveis insights para aprimorarmos o nosso.

Pois não dispondo mais do aparato biológico completo, que requer as genitálias feminina e masculina para a fecundação, é-nos essencial um método alternativo, necessariamente *artificial* — a RMM. Antes de sua invenção, éramos in­ca­pa­zes de gerar descendentes sem a presença e o consen­timento de um homem. Uma mulher que quisesse engravi­dar seria obrigada a submeter-se aos caprichos do falo, às preferências de um macho. E a chance de a criança gerada ser também um homem era de aproximadamente 50%.

De nada adiantaria uma tecnologia que permitisse a fecundação via sexo entre duas mulheres se esta tecnologia permitisse o desenvolvimento de embriões do sexo masculino. É função intrínseca da RMM, portanto, impedir ou abortar gestações de bebês do sexo masculino.

Dessa forma, dentre os tantos ataques antifeministas à nos­sa tra­dição milenar, um dos mais perigosos, acredito, é a con­tes­tação às nossas técnicas reprodutivas, pondo em risco as bases de nossa civilização. Tal oposição não constitui apenas um insulto às conquistas de nossas ante­passadas; é, antes de mais nada, uma apologia grotesca ao retro­cesso.

Sem o controle reprodutivo, seria impossível manter uma sociedade 100% feminina. Portanto, nunca será de­mais repetir às nossas meninas que a reprodução mu­lher-mulher, ou método tesoura, é fator essencial para a sustentação civili­zacional. Somente com ela podemos garantir às cidadãs um *mundo seguro*.

Hoje, vivemos em um mundo pós-macho, e des­frutamos dos benefícios desta nova etapa da humanidade. Mas nem toda cidadã compreende as bases de nossa civi­lização. Suspeito que muitas de nós só aprenderão a dar valor às nossas tradições após testemunharem na própria pele os males de um ressurgimento masculino.

Sabemos ser natural a revolta juvenil contra a sabe­doria antiga, assim como a busca individual pela autoafir­mação em detrimento dos valores coletivos acumulados ao longo dos séculos. É a rebeldia da juventude. Mas como guardiãs deste mundo que criamos, é nossa responsabili­dade garantir a *conformidade* de todas nossas irmãs com os princípios básicos da doutrina feminista. Não há sen­tido em cometermos os mesmos erros do passado apenas para reaprender tudo o que já sabemos pela via da dor e do retrocesso.

Lembremos das advertências de nosso Livro Funda­dor, que dificilmente poderiam ser mal interpretadas:

Cuidado com o bicho homem, pois ele é peão do diabo. Criatura à parte entre os primatas, ele mata por esporte, por luxúria, por ganância. Ele matará seu próprio irmão para tomar-lhe a terra. Que ele não se reproduza, pois transformará vossa casa em deserto. Jamais o receba entre vós, pois ele é o prenúncio da morte. (Sarkisia, Gênesis, 11:4).

Não deixa de ser irônico, portanto, que a fecundação mulher-mulher tenha sido inventada por um homem, nos dias anteriores à nossa migração.

Confesso que, como tal técnica envolve detalhes bio­lógicos e tecnológicos que estão além da minha expertise como historiadora, não estou qualificada para detalhar o funcionamento do mecanismo. Pessoalmente, nunca che­guei a usá-lo. Mas como é de amplo conhecimento, a RMM per­mite que duas mulheres concebam uma filha através do ato sexual, podendo, por meio da configuração do equipa­mento, decidir quem irá gestar a criança.

Há rela­tos de que, ocasionalmente, o aparelho falha na identificação do sexo do embrião, provocando o nascimento de um bebê homem. Nesses casos, haveria a ne­cessidade de sacrificar a criança nos primeiros meses de vida. Trata-se, porém, de ru­mo­res sem comprovação, mas que talvez mereçam investi­ga­ção.

Mas se a dificuldade da gestação foi já há muito su­perada, ainda temos grande progresso a fazer na área pa­ren­tal. O ambiente mais saudável para a criação de uma me­nina é, sabidamente, o núcleo de uma família feminina (isto é, um par de mães); no entanto, todos os esforços go­ver­namentais para promover o lesbianismo têm falhado. O número de lésbicas ainda é muitíssimo reduzido, e a RMM é frequentemente usada por mães solteiras ou por casais não românticos de mulheres (que vivem juntas co­mo amigas, sem relação amorosa).

Entretanto, não nos enganemos: **a rejeição ao uso da RMM ainda é altíssima**, e esta é uma das principais causas de desequilíbrio social. Devemos, assim, nos perguntar: por que as mulheres se opõe ao método?

Sem dúvida, a baixa aceitação do lesbianismo é uma das principais razões para essa *crise reprodutiva*. Muitas mulheres acabam buscando satisfação sexual de formas alternativas (frequentemente relacionadas a falos artificiais), recusando-se a participar de relação lésbicas. Sua dependência dos símbolos fálicos, por outro lado, reforça inconscientemente sua submissão ao patriarcado.

Outra causa de rejeição à RMM são as religiões fundamentalistas. Dentre elas, observamos o fenômeno cada vez mais comum da **homofobia**, e o *movimento pró-vida*, ou *antiaborto*, que busca proibir a execução de pessoas em estado embrionário, infringindo os direitos femininos em nome de supostos “direitos de um aglomerado de células”.

O que vemos, enfim, são mulheres incapazes de a­braçar o progresso. Mulheres acorrentadas por desejos so­cialmente incutidos, como o fetichismo do pênis. Mulheres iludidas por crenças e hábitos ultrapassados, paralisadas frente à necessidade de evoluir, de revolucionar.

Assim, se há uma solução para essas mazelas, e tantas outras, relacionadas à sexualidade, ela sem dúvida passará pela **rejeição das tradições reacionárias**, em um luta diária, *revolucionária*, em nossa política cotidiana.

Eis por que acredito que devamos seguir o exemplo do celebrado revolucionário feminista **Che Guevara**. Hoje conhecido por seu charme de galã e por sua masculinidade viril (traços subversivos que, por razões que desconheço, despertam calores antifeministas em muitas mulheres), Che lutou intensamente pelo fim do patriarcado capitalista. Segundo ele:

Todos os dias você deve lutar para que o seu amor pela humanidade se transforme em **atos concretos**, em ações que **sirvam de exemplo**, que **mobilizem**.

Se **nosso corpo é político**, não há um instante sequer em nossas vidas que não seja atravessado por questões políticas. Logo, não pode haver descanso: devemos agir politicamente, *viver* politicamente, e seremos um exemplo para nossas irmãs.

Desconfiemos, ademais, dos que se dizem “defensores da civilização”, porque por este termo referem-se, na verdade, à estrutura de sociedade patriarcal que herdamos do mundo antigo. Abracemos, pelo contrário, a sociedade da **eterna revolução**, em constante evolução e aprimoramento. Para as mulheres, estagnação é morte.

Lembremos, aliás, que o termo *civilização* é historicamente oposto ao termo *selvageria*, ou *barbárie*: estamos, é claro, falando de uma dicotomia patriarcal, excludente e preconceituosa, e natureza xenofóbica, que vê a si mesma como superior, a raça perfeita, e os demais como o Outro a ser desprezado, rejeitado, odiado.

Sejamos, portanto, a *selvageria*. Sejamos a *barbárie*. Sejamos não as carolas católicas, guardiãs de uma moralidade falsa, hipócrita e falida, e obedientes ao deus-homem; não, sejamos as *bruxas*, as *profanas*, as *rebeldes*. Sejamos a *resistência*.

Ouvimos às vezes o termo *mulheres de bem*. Quantas de nós não queremos apenas ser boas, gentis, generosas, caindo nas armadilhas da extrema direita. Por “mulheres de bem”, entenda-se as mulheres *obedientes*, *comportadas*, *reprimidas*. Conformar-se ao ideal da “mulher de bem” é abandonar a resistência e aceitarmos nosso lugar na cozinha, nossa subserviência eterna. Por isso, *não*: não sejamos mulheres de bem. Não deixemos que qualquer código “ético” continue a nos aprisionar.

Se de fato quisermos que nossa sociedade progrida, é preciso que, com coragem e sangue-frio, assassinemos o passado, abandonemos nossas pretensões mesquinhas, e saltemos juntas para um futuro pós-civilizatório — um mundo sem hierarquias, sem “tradições” normativas, e plenamente humano.

**6. A TRADIÇÃO CIVILIZACIONAL É UMA FALÁCIA DO PATRIARCADO E DEVE SER DESMANTELADA.** O que se entende por civilização não passa de uma **doutrina ultrapassada, engessante e opressiva**. Sua função é reprimir nossas pulsões saudáveis e naturais, criando um sistema excludente em benefício do controle e dos interesses do **capital**.

É claro, abandonar nossas origens, nosso berço abusivo, requer bravura. Mas é o único caminho para a libertação. Estamos longe de purificar nossa cultura, banindo dela todas as práticas misóginas, termos machistas, normas gramaticais sexistas, valores reacionários, costumes fascistas — então temos uma longa jornada pela frente, e não podemos desanimar.

O futuro, portanto, começa pela **educação revolucionária**, pela *cons­ci­entização*. Precisamos *sensibilizar* as novas gerações so­bre o pernicioso legado civilizacional masculino e, principalmente, so­bre as forças opressoras que dele provêm, e que precisam ser extirpadas de nossa frágil (mas empoderada) comunidade.

# VII Pecado Original: Ainda Somos Eva?

**V**

**ivemos** uma época de grande efervescência multicultural, desfrutando da convivência mais ou menos harmônica entre diversos modos de ver o mundo. Nesse cenário, a diversidade religiosa ocupa posição central. Variadas formas de credo coexistem no mundo contemporâneo, ora pluralizando nossas sociedades, ora provocando tensões e conflitos. Mas o que se deve pensar da religião, em um contexto ultrafeminista?

Nossa primeira pista provém da antiga Terra, onde, há mais de três milênios, a feminista **Taslima Nasrin** ousou afirmar frente à opressão de seu tempo:

A religião é contra os direitos das mulheres e contra a liberdade feminina. **Em todas as sociedades as mulheres são oprimidas por todas as religiões.**

A leitora atual irá se perguntar: *Não seria este um exagero? Não teria esta realidade mudado desde então?*

Diversas religiões foram criadas nos últimos milênios, sem nenhuma influência direta do patriarcado. Seria tentador sugerir que esses novos credos são puramente femininos, isentos dos aspectos opressores de um mundo masculino. Mas não seria a própria ideia de religião uma criação patriarcal?

Outro pensador que talvez nos auxilie nesta questão é **Mutabaruka**, *infelizmente um homem*, que, sendo aliado feminista e contemporâneo de Taslima Nasrin, confessou:

A religião foi criada por homens inseguros para oprimir as mulheres.

Não é difícil, ao pensarmos na natureza hierárquica e dogmática das religiões, associá-las à típica assinatura patriarcal, em especial a **competição** por dominância e o **controle** neurótico dos fazeres e dos pensamentos alhe­ios. Enquanto a religiosidade, de uma forma ampla, pode incluir belíssimas formas de espiritualidade e congregação feminina, a *religião* parece ser apenas outra manifestação das estruturas de opressão patriarcal.

Para discernirmos entre a espiritualidade saudável e a religiosidade subserviente, de caráter masculino, devemos procurar pelos **seguintes sinais**: hierarquia; privilégios; verdades inquestionáveis; práticas inflexíveis; divindades e entidades veneradas não femininas; e, obviamente, símbolos fálicos.

Nas religiões antigas, como o cristianismo ou o islamismo, tais sinais são bastante evidentes. Vejamos como isso se apresenta na a obra-mestra do patriarcado, a “bíblia sagrada”:

Quando uma mulher tiver fluxo de sangue que sai do corpo, a **impureza da sua menstruação** durará sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até a tarde. (Bíblia, Levítico 15:19).

Ou ainda:

Toda malícia é leve, comparada com a **malícia de uma mulher**; que a sorte dos pecadores caia sobre ela! (Bíblia, Eclesiásticos 25:26).

Ou ainda:

A mulher **aprenda em silêncio**, com toda a **sujeição**. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. (Bíblia, 1 Timóteo 2:11-13).

E ainda, no livro sagrado islâmico:

Os **homens têm autoridade** **sobre as mulheres**, porque Alá os dotou com mais do que elas, e pelo sustento de sua riqueza. Assim, as mulheres justas são devotamente **obedientes**, guardando na ausência do marido o que Alá quer que elas guardem. Quanto àquelas de quem suspeitais deslealdade, admoestai-as (na primeira vez), abandonai os seus leitos (na segunda vez) e **batei-as** (na terceira vez). (Alcorão, 4:34).

Uma das características dessas religiões é que também o homem é oprimido, ainda que menos do que a mulher, pois na estrutura patriarcal, os privilégios só existem no *topo* (que inclui pouquíssimos homens, e praticamente nenhuma mulher).

Assim, ao se submeterem a uma religião, tanto mulheres quanto homens acabam assinando um contrato de submissão. E uma das formas de garantir a aceitação e a continuidade da obediência religiosa é a **privação de conhecimento**.

Na bíblia cristã, o conhecimento é representado co­mo uma tentação perniciosa, e a busca pelo *saber proibido pela autoridade* divina traria consequências nefastas:

Mas da árvore do **conhecimento**, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente mor­rerás. (Bíblia, Gênesis 2:17).

Seria essa ameaça do deus-macho cristão uma tenta­tiva de assegurar seu monopólio de conhecimento sobre o universo, impedindo os seres humanos de alcançar qual­quer nível de saber próximo à onisciência? Ou seria apenas uma invenção dos *escritores* da bíblia, todos homens, com o objetivo de controlar os fiéis?

Tendo essas questões em mente, qualquer religião que se diga feminista, mas que condene a busca pelo conhecimento, estará reproduzindo um modelo patriarcal.

Ora, a serpente era mais astuta que todas as criaturas do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: “[se comerdes do fruto da árvore do co­nhe­cimento], certamente não morrereis. Porque Deus sa­be que no dia em que dele comerdes se abrirão os vos­sos olhos, e sereis como Deus”. (Bíblia, Gênesis 3:1-4).

Segundo a bíblia cristã, portanto, foi a serpente (o diabo) quem orquestrou a “traição” da espécie humana contra o deus-macho, ao desobedecer sua vontade tirâ­nica. Mas Lúcifer não diz mais do que a verdade ao afirmar que o fruto é incapaz de causar morte: pois quem causará a morte de Adão e Eva, na verdade, será o próprio deus-macho, como castigo por sua transgressão.

Paranoica e controladora, a divindade patriarcal não tolera qualquer desvio em seus regramentos arbitrários.

Então, que fique bem entendido: quando o deus-ma­cho afirma que “no dia em que [do fruto] comeres, certa­mente morrerás”, deve-se ler “eu [deus] *os matarei*”.

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se co­mer, e agradável aos olhos; tomou do seu fruto, e co­meu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e **conhe­ceram que estavam nus**; e coseram folhas de figuei­ra, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. (Bíblia, Gênesis 3:6-10).

Não surpreende a ninguém que o tabu à nudez é in­se­rido logo no primeiro livro bíblico, em um de seus trechos iniciais, condenando os seres humanos — e em especial as mulheres — *à vergonha de seus próprios corpos*, esta sen­do a punição pelo usufruto da liberdade.

Não há como negar que, de acordo com o mito cris­tão, é o deus único que, pessoalmente, impõe a malícia e a vergonha aos corpos, às genitálias, tornando instintivo às mulheres e homens a compulsão de se cobrirem à mera aproximação alheia.

E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Co­meste tu da árvore de que te ordenei que não co­messes? **Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore**, e comi. (Bíblia, Gênesis 3:11,12).

E aí, letra por letra, claro e inequívoco para quem quiser ver, está demonstrado *o caráter do homem* — não em um *panfleto feminista*, mas no livro-base da cultural patriarcal.

À primeira oportunidade, ao primeiro temor, Adão isenta-se de toda responsabilidade pelos seus atos, trai a confiança da esposa e, já pressentindo a punição que viria, lança toda a culpa sobre Eva, aponta-lhe o dedo e a acusa do crime, buscando isentar-se e escapar da fúria do deus-macho atirando a companheira ao fogo. E expressa-se assim: “a mulher que me deste por companheira”; ainda sem saber se é de fato culpado de qualquer crime, ou se está sendo punido injustamente, Adão apela para todos os recursos traiçoeiros — a culpa é da mulher, a culpa é da divindade que criou a mulher...

E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. E à mulher disse: **Multiplicarei grandemente a tua dor**, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o **teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará**. (Bíblia, Gênesis 3:13-16).

Em tão poucas linhas, encontramos — como dizer? — o suprassumo da misoginia de nossa antiga cultura:

A) Por via de um *crime plantado*, inventado como des­culpa para justificar uma punição, o deus-macho **mul­tiplica grandemente a dor** da mulher, seja pelo parto, seja pela menstruação. Este deus não poderia, de forma alguma, ser uma mulher; e não poderia, de forma alguma, ser algo que não um homem.

B) Por submeter a pessoa humana mulher à auto­ridade da pessoa humana homem, a título de escravidão (ainda que não explicitado desta forma); “ele te domina­rá”, assim é dito, e sabemos, assim foi feito por milênios.

E a Adão [Deus] disse: Porquanto **deste ouvidos à voz de tua mulher**, e comeste da árvore de que te ordenei [...], maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. (Bíblia, Gênesis 3:17).

Para este deus, o erro de Adão foi “dar ouvidos à mulher”. E sabemos que esse “erro” não foi cometido ou­tra vez tão cedo, no mundo cristão.

Hoje, quantas religiões “feministas” reproduzem tais ideias, de forma explícita ou velada, às vezes com o disfarce de uma máscara feminina? Afinal, como extinguir a influência masculina em nossa vida espiritual?

Acredito que, em um mundo plenamente feminista, não haja espaço para qualquer religião. Embora a espiritualidade seja sempre bem-vinda, os projetos religiosos sempre revelam-se opressivos, *sem exceção*. Eles definem sistemas de valores castradores,[[3]](#footnote-3) com o objetivo de controlar as ações e os sentimentos das mulheres, e impõem práticas “corretas” para acessar a iluminação espiritual e mediar o contato com as ditas “divindades”.

Como resultado (previsível, na verdade, tendo em vista o que aca­bamos de expor), vemos, por exemplo, mulheres radicalizadas apedrejando lésbicas, devido à intolerância fundamentalista, ou cometendo ataques terroristas em nome de suas deusas.

Outras tantas irmãs têm sido forçadas a cobrir o cor­po inteiro com a chamada burca (uma prática de fato empoderante, visto que é um exemplo de diversidade cultural e da livre escolha destas mulheres, mas que ao mesmo tempo é uma forma de opressão, pois viola a livre escolha destas mulheres).

E talvez um dos casos mais surpreendentes seja o da Nova Igreja Católica, cuja missão declarada é restaurar os preceitos do antigo catolicismo. O projeto, ainda que ambicioso, tem enfrentado um problema sério: a Igreja vê-se incapaz de nomear um papa, bispos, padres e outras autoridades, visto que só são permitidos homens nestas posições. As freiras, entretanto, garantem que seu deus lhes dará uma solução em breve.

A solução para esses quadros nebulosos necessariamente passará por um expurgo religioso:

**7. A MULHER JAMAIS SERÁ LIVRE ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE.** A definição de **dogmas** impede o livre pensar e sentir das mulheres, e a imposição de **hierarquias** de aces­so às divindades reproduz modelos patriarcais inaceitáveis. Devemos, portanto, **banir** toda for­­ma de religião em nossa sociedade.

Ainda resta válida a velha máxima de que “a religião é o ópio do povo”, mas não se engane: o traficante é sempre um homem, ou uma mulher a seu serviço.

# VIII Razão — O Fruto Proibido

**A**

**gora, cuidado.** Falamos dos perigos da religiosidade, mas seria irresponsável não acrescentar, na sequência, que o racionalismo também é perigoso, não sendo de forma alguma a resposta correta no combate à religião. Não restam dúvidas de que o *cientificismo*, esta racionalidade tóxica, ultra­fo­cada na realidade objetiva, tem desem­pe­nhado um papel deletério em nossa sociedade.

Lembremos:

Não há qualquer contradição entre a fé e a ciência (a verdadeira ciência).

Assim se expressa F. Ramsey, no livro nono de nosso Texto Fundador (Sarkisia, Livro de Ramsey, 12:2). O tom é conciliatório. Ao espantarmos os fantasmas da religião, instituição de alinhamento patriarcal, nada teremos a perder ao abraçarmos a fé, harmonizando-a à razão.

E, no entanto, é comum nos perguntarmos coisas como: se uma Deusa de fato criou o universo, e se ela criou a mulher à sua semelhança, estaria a Deusa também sujeita à **menstruação**? Se nossas preces realmente são ouvidas e atendidas, por que continuam nos aparecendo estrias, varizes e espinhas? Se o **horóscopo** de fato prevê o futuro e reflete a personalidade das mulheres, por que os testes psicológicos e psiquiátricos atestam zero correlação entre os dados coletados cientificamente e as leituras astrológicas?

Essas dúvidas podem ser multiplicadas *ad eternum*, criadas pela parte masculina de nossa mente, de estrutura primordialmente dicotômica, anti-holística, uma ferramenta cerebral que se desenvolveu ao longo de milhares de séculos, via seleção natural, para identificar *incongruências lógicas* em nossa compreensão de mundo. Esta **incansável busca por erros**, por contradições, é apontada por muitas psicólogas como um vício masculinizado e masculinizante da mente, uma *patologia* cujo objetivo único é causar angústia, rivalidade e estresse.

Mas não sou a primeira a sugerir que a objetividade, a lógica fria, o raciocínio sem sentimento, é invenção estéril e nefasta do homem. Como explica a psicóloga clínica Jaque Lacan, especialista em patologias masculinizantes:

O viés masculino da espécie humana opera na base no perpétuo conflito, razão pela qual a mente de homens e mulheres masculinizadas procura constantemente por inconsistências lógicas, a fim de levantar objeções e iniciar contendas. Esta doença está comumente associada ao **ceticismo**, ao questionamento incrédulo das realidades individuais, e à demanda fanática por **provas**, **evidências**, **argumentos**. Muitas vezes a escalada do conflito leva à violência. A mentalidade masculinizada não é capaz de aceitar a **verdade múltipla e fluida**, particular de cada membro de um coletivo. Seu desejo é o de colonizar as mentes perpetuando um modelo de interpretações rígido e intransigente, impondo assim uma explicação uniformizada e **autoritária**. Trata-se, sem dúvida, do impulso imperialista de dominação inato ao masculino.

Vale lembrar que, no modelo de civilização patriarcal, o **sistema de justiça** também baseia-se na presunção de uma verdade absoluta, sendo intolerante à contradição. Na justiça masculina, por exemplo, emprega-se a ideia de “**testemunho falso**” — isto é, uma forma de deslegitimar e silenciar vozes femininas, classificando *verdades divergentes* como “mentiras”.

Embora a Justiça em Goslin jamais tenha adotado tal ideologia, muitas vezes vêm à tona, na academia e no discurso público, conceitos reacionários como *objetividade*, *neutralidade*, *imparcialidade* — palavras que se fundamentam na crença em uma realidade única, cristalizada, independente de nossas opiniões e emoções.

Por isso acredito que, de fato, “não há qualquer contradição entre a fé e a ciência (a verdadeira ciência)”. A verdadeira ciência não é este *racionalismo cientificista*, obcecado por uma ideia paranoica de verdade única; a ciência verdadeira é aquela que cada uma de nós alcança por nossas próprias conclusões, *guiadas por nossas emoções e instintos*, nos quais devemos depositar toda a nossa fé.

Afinal, de que forma a objetividade nos serve?

A doutrina científica masculina nos quis ensinar que, para analisarmos qualquer situação de forma “correta”, seria necessário nos abstermos de julgamentos pessoais, de nossas emoções, tornando-nos meras *máquinas de pensar*. Assim, pregavam, seria possível chegar à “verdade”. Mas não creio ser de maneira alguma construtivo separarmos essas duas realidades (nossas perspectivas subjetivas e nossas conclusões científicas) se quisermos *superar a masculinidade*.

Ao investigarmos a feminilidade, somos nós mesmas o objeto de nosso estudo. Como não embeber cada poro de nossa ciência com nossa identidade feminina? Por que temê-lo?

*A verdade está em nossas emoções*: sabemos que **nossos sentimentos mudam conforme o dia**, às vezes de hora em hora, minuto a minuto — e qual destes momentos é o verdadeiro? Nenhum? Ou *todos*?

E se a verdade está em todas as nossas emoções, a todo momento, em nossos julgamentos que vêm do coração, haveria contradição entre eles, visto que são tão díspares? Um homem diria que sim. *Entretanto, só haveria contradição se aceitássemos a falácia de que* ***deve*** *haver uma verdade única*. É um engodo grosseiro que, confesso, não compreendo como convenceu a tantas por tanto, tanto tempo.

A verdade é díspar — é o que sentimos, é o que somos, e está em mutação constante.

Às mulheres que ainda flertam com o cientificismo, recomendo a releitura deste mito comovente de nosso Livro Fundador (Sarkisia, Provérbios, 80:35-44):

E o último dos homens, abrigado num galpão,

A mãe e as irmãs o escondendo da revolta,

Quer sair e contestar a feminina multidão

Imaginando ser capaz de, mesmo sem escolta,

As feministas acalmar por meio de bom tino.

“Não persiga mais, Taylor, meu filho, estes intentos.”

“Talvez”, diz-lhe a mãe, “não suporte o que descobrirá.”

Mas ele parte, com razão, bom senso e argumentos.

“O que ele irá descobrir?” a irmã à mãe pergunta.

E ela responde, em pleno pranto: “O seu destino”.

Ainda que se trate de um mito, podemos ler nas entrelinhas e compreender, pela narrativa *alegórica*, que a ruína do homem foi sua obstinação em armar-se da “razão”, da “lógica”, dos “argumentos”, instrumentos com os quais combateu as mulheres desde o início dos tempos. Ele não quis conformar-se com a moral coletiva, e fez-se mártir de uma causa sem beneficiários. *Não cometamos o mesmo erro.*

Resta, entretanto, decifrar uma das questões-tabu em que poucas pesquisadoras ousam pôr as mãos, dada a polêmica que sempre suscita. **Onde estão nossas gênias?**

Sempre acreditei na máxima de Navratilova: “A chave para as mulheres é não estabelecer *nenhum limite*”. Afinal, *lugar de mulher é onde ela quiser*. Paradoxalmente, o que enxergamos em nossa sociedade assemelha-se a um labirinto invisível, cujas **paredes e tetos de vidro** bloqueiam a liberdade, as conquistas, o progresso de nossas irmãs sem que possamos enxergar as causas ou a natureza dos impedimentos.

Três mil anos se passaram, e ainda temos mais obras masculinas do que femininas nas livrarias, nos acervos de cinema, nas coleções de música. Após dezenas de *queimas públicas* de livros patriarcais, vimos, século após século, o ressurgimento dos mesmos livros “clássicos”, dos mesmos filmes “icônicos”, masculinos — porque sempre há pelo menos uma irmã a manter uma cópia, perpetuando irresponsavelmente o legado do homem.

Mesmo nas nações de feminismo extremista, é recorrente a pirataria de textos masculinos, muitos até misóginos. *A Megera Domada*, de Shakespeare, mais de uma vez foi encontrado na biblioteca pessoal de “feministas”. O grotesco *Lolita* é outro preferido entre as degeneradas, bem como livros do mestre-chauvinista Bukowski. O mais ultrajante deles, sem dúvida, é uma coleção em três volumes sobre a total submissão (não apenas sexual) de uma mulher a um milionário repugnante com taras violentas — obra cujo nome não incluirei, para não dar publicidade à imoralidade.

Mas repito: três mil anos se passaram, e a maior parte das grandes obras consultadas (filosofia, economia, ciências políticas, física, astrofísica, matemática, biologia, química, engenharia, medicina...) são de autoria masculina. Onde estão nossas Shakespeares? Nossas Einsteins? Nossas Freuds, Platãs, Aristótelias, Darwins, Galileus, Fellinis, Nietzsches, Dalis, Mozarts, Welles, Leonardos da Vinci, Pitágoras, Newtons, Gandhis, Napoleãs, Godards, Dostoiévskis, Hitchcocks, Picassos, Goethes, Beethovens, Saramagos, Engels, Budas, Voltaires, Luther Kings, Woody Allens, Gengis Khans, Fidel Castros, Oscar Wildes, Steve Jobs, Hawkings, Barack Obamas, Sartres, Ridley Scotts, Stalins, Colombos, Monets, Cervantes, Che Guevaras, Abraãs, Spielbergs, Lincolns, Sargões da Acádia, Bill Gates, Kants, Allan Poes, Chaplins, Edisons, Trotskys, Orwells, Bergmans, Jesusas, Russells, Ramsés, Bachs, Marxs, Teslas, Turings, Kurosawas, Mao Tsé-Tungs, Wagners, Lenins, Van Goghs, Descartes, Kubricks, Huxleys, Borges, Tarantinos, Maomés, Freddie Mercuries?

Há mulheres brilhantes em todas as áreas de conhecimento — mas *ainda* são minoria em relação ao todo populacional. Como explicar tal aberração?

Algumas teóricas defendem que esse fenômeno não está relacionado a uma falta de capacidade intelectual ou artística; para elas, seria um reflexo das *escolhas individuais das mulheres*, feitas com base em suas preferências psicológicas naturais (que seriam, teoricamente, biológicas). Para essas autoras, isso explicaria os índices astronômicos de infelicidade e depressão entre as mulheres de nossos dias, em especial as que ocupam os mais altos postos.

Entretanto, como falar em “escolhas individuais” quando vivemos em um *coletivo*, onde cada irmã depende da outra e tem obrigação moral para com as demais?

Além disso, com que sustentação se poderia trazer à tona *argumentos biológicos, cientificistas e deterministas,* para explicar nossos comportamentos — como se, de alguma forma, fôssemos dependentes de nossa carne, ou como se nossos genes, que servem de base para a construção de nossos corpos e cérebros, tivessem qualquer relação com nossas características pessoais? A ideia em si é risível, e francamente ofensiva.

Não nos é, portanto, permitido crer em tal teoria — a de que, por razões desconhecidas, as mulheres fazem escolhas diferentes das dos homens, resultando em menos gênios ultradedicados e ultraespecializados do sexo feminino. Afinal, se esta fosse a razão, teríamos que aceitar a escolha das mulheres, e nada poderíamos fazer a respeito.

Sabemos, com comprovação inconteste do feminis­mo, que os homens são inferiores às mulheres tanto moralmente quanto intelectualmente. Eles só conseguiram primazia história, no Mundo Antigo, através de um controle social exercido por meio de dois pilares: a *força muscular* (lembrando, é claro, que a “força” é um conceito patriarcal, e sabemos que não há diferença real entre a capacidade física da mulher e a do homem, sendo esta aparente discrepância apenas uma construção social); e a *desonestidade retórica* (ou *gaslighting*), que lhes é típica.

Paradoxalmente, os homens são inferiores às mulheres ao mesmo tempo que não há diferenças entre os gêneros, como também o comprova a ciência feminista. Pois o cérebro feminino e o masculino são completamente iguais, e nossas preferências e tendências individuais *seriam iguais*, não fosse a manipulação cultural das sociedades falocêntricas.

Isso posto, resta apontarmos o antídoto do racionalismo: as **emoções**.

A verdade feminina emerge dos sentimentos. Não é através do raciocínio mecanizado que compreendemos o mundo; antes, entendemos que toda lógica é um exercício artificial, e que a verdade pura se manifesta através das emoções, das sensações corpóreas, das combinações químicas, hormonais, que estão sempre em sintonia com a natureza.

**8. COLOQUEMOS AS EMOÇÕES ACI­MA DE TUDO.** O **racionalismo**, o **cientificismo**, a **objetividade** e o **ce­­­ti­cismo** são ferramentas de dominação das mentes, cuja função é apagar as realidades individuais e impor uma verdade artificial e absoluta. Seu antídoto é a **emoção**: a manifestação pura da realidade via sentimentos, os quais devem servir de base suprema para nossas crenças e decisões.

Acredito ter ficado claro que a razão, o raciocínio frio, a lógica estéril, são mecanismos mentais essencialmente masculinos que, por ingenuidade, adotamos em nossa sociedade e infelizmente continuamos a perpetuar. É imperioso, portanto, que nos vejamos livres do racionalismo e do cientificismo — este fruto proibido, *cancerígeno*, que jamais deveríamos ter mordido.

# IX Esfaqueadas por Palavras

**P**

**recisamos** falar sobre a **violência verbal**. Orgulhamo-nos, como mulheres, de ser um gênero pacífico, avesso às brutalidades do universo mas­cu­lino. Proponho, porém, que enxerguemos essa noção como uma armadilha, visto que a violência pode tomar diversas formas, muitas delas não físicas. Se atentarmos para essa realidade, notaremos, com horror, que nossa sociedade tem tolerado, ainda hoje, todo tipo de *atrocidade verbal*, normalizando sua prática.

Não raro, a violência verbal mostra-se mais danosa do que a física — quem há de contestá-lo? E isso é especialmente verdadeiro se tivermos em mente que a mulher é um ser de natureza sensível (apesar de ser empoderada), o que a faz sentir as agressões verbais na mesma (ou maior) intensidade com que sentiria um espancamento ou uma tortura.

Mas apesar de todas nós sentirmos na pele essa realidade, ainda predomina na sociedade uma profunda incompreensão sobre a *capacidade brutal* das palavras.

Talvez a mais problemática das noções seja a da chamada “**liberdade de expressão**”, defesa frequentemente usada para encobrir toda sorte de violência verbal. Segundo alguns movimentos reacionários, o ser humano deveria gozar de um “direito inviolável” de manifestar suas opiniões — sejam estas quais forem —, por meio de palavras de sua livre escolha — sejam estas quais forem.

Este discurso, de todo falacioso, tem servido de escudo para manifestações odiosas e destrutivas, protegidas sob a falsa ideia de “direito”. Não sejamos ingênuas: *a liberdade de expressão de uma pessoa acaba onde os sentimentos de outra pessoa começam*.

De fato, ninguém tem o direito de ofender seu semelhante. Toda ofensa causa uma cicatriz emocional, uma lesão invisível, mas que faz sangrar a alma.

A solução proposta pela corrente reacionária é a filosofia ultramasculina conhecida como **estoicismo**: segundo esta, a pessoa deveria insensibilizar-se às ofensas, criando uma “pele grossa” para resistir aos ataques. Para as estoicas, o indivíduo verdadeiramente empoderado não se deixa abalar por ataques verbais; as palavras, assim, seriam apenas ruídos, vibrações sonoras, ou no caso dos textos, manchas de tinta ou pixels inanimados, incapazes de causar mal por si só. Para elas, é o ser humano quem decide, a partir de sua maturidade emocional, se irá se abalar ou não com as palavras alheias. *Suas emoções seriam de sua responsabilidade*, e de ninguém mais.

Esta ideia fundamenta-se na estratégia masculinizante da “pessoa forte”, indivíduo que, segundo as estoicas, não estaria à mercê da vontade alheia para alcançar seus objetivos e ser feliz, visto que é capaz de enfrentar as adversidades por conta própria. E isso até pode ser verdade — mas a que preço?

**O empoderamento individualista vai na contramão do feminismo.** Ao incentivarmos as mulheres a serem independentes, autossuficientes, e mesmo invulneráveis ao julgamento social, de que forma poderemos garantir seu alinhamento às necessidades do coletivo?

Além disso, a dessensibilização preconizada pelo estoicismo pode ser encarada como uma forma de *desumanização*, cujo intuito é desconectar a mulher do império de suas emoções — aquilo que as torna *humanas*. Trata-se de uma mutilação psicológica.

Ao tornar-se insensível às ofensas, a mulher também se tornará indiferente às pressões sociais necessárias à manutenção da sororidade, o que enfraquece nossos laços coletivistas. Resta uma multidão atomizada, tiranizada pela “liberdade” e pela “independência”.

Não se deve, portanto, combater a violência verbal de forma individualista. Tal estratégia assemelha-se à do armamentismo, que apregoa o direito individual à autodefesa, criando uma sociedade de adversários. Ao invés de armarmos as mulheres para esta guerra, é preciso impor a paz em um nível estrutural e sistêmico.

Para tanto, faz-se crucial o banimento de toda ou qualquer forma de **discurso de ódio**, bem como de outras formas de ofensa, como palavras ou manifestações que causem desconforto ou abalo à autoestima.

Estas medidas só podem ser tomadas por meio do Estado, via lei, sendo recomendável o estabelecimento de um tribunal de justiça especializado nos crimes verbais, bem como um Ministério da Segurança Verbal.

Tanto no âmbito judicial como no social, há um vasto arsenal de estratégias capazes de coibir o vandalismo verbal:

* **Cancelamento** dos agressores nas redes sociais.
* ***Doxing*** — isto é, a divulgação de dados privados do agressor, facilitando sua identificação e perseguição.
* **Denúncias** à família e aos empregadores, no intuito de causar dano de reputação, demissão, etc.
* **Boicotes**, no caso de empresas ou artistas.
* **Expulsão** de associações, clubes, universidades.
* **Ostracismo** — isto é, exclusão de todo ou qualquer contato social.
* **Bullying**, como técnica de condicionamento social.
* **Linchamento**, costumeiramente em praça pública.
* **Censura**, incluindo bloqueio de contas na internet.
* **Prisão**, em caso de ofensas mais graves.
* **Pena de morte**, para crimes verbais hediondos.

Dada esta gama de possibilidades, convém lembrar que as medidas precisam adequar-se à gravidade da agressão. Se, em um lado do espectro, temos o genocídio verbal como um dos atos mais graves, do lado oposto temos as **microagressões**, que muitas vezes falhamos em identificar. Nossa vigilância, entretanto, precisa voltar-se também para essa forma de violência mais sutil, pois é a partir dela que as demais se desenvolvem.

A identificação das microagressões pode ser um tanto complexa, dado seu caráter subjetivo e ambíguo. Uma boa forma de familiarizar-se com o tema é o *Dicionário de Microagressões*, em 28 volumes, organizado pela Dr.ª Sora Mingos. Seguem alguns exemplos de microagressões:

* **“Você é muito bonita, de rosto.”**

Motivo: Deixa-se implícito nesta frase que a pessoa-vítima não tem um corpo bonito, o que é falso, visto que todas as mulheres merecem ser belas.

Em vez disso, diga: “Você é completamente bonita. Todas as mulheres são bonitas.”

* **“Foi promovida? Que sorte.”**

Motivo: Por trás deste comentário aparentemen­te inocente, esconde-se a nefasta ideia de que a pessoa-vítima não obteve sua promoção de emprego por mérito,[[4]](#footnote-4) mas por sorte, servindo como alegação infundada de incompetência.

Em vez disso, diga: “Foi promovida? Você sem dúvida mereceu! Todas as mulheres merecem tudo o que há de bom no universo.”

* **“Você é forte como um homem.”**

Motivo: Não se deve atribuir qualquer característica considerada positiva ao homem.

Em vez disso, diga: “Você é forte como uma mulher. Todas as mulheres são fortes.”

* **“Seu cabelo liso fica mais bonito.”**

Motivo: Não se deve elogiar uma mulher comparando uma opção A com uma opção B, pois isso a levará a concluir que uma das opções não é tão boa, e isso ferirá sua autoestima.

Em vez disso, diga: “Seu cabelo liso é bonito da mesma forma que seu cabelo crespo. Todos os tipos de cabelo são igualmente bonitos. Não existe hierarquia de beleza. Todas somos iguais.”

* **“Como conseguiu arrumar um emprego desses?”**

Motivo: Dá a entender que a pessoa-vítima não estaria qualificada para o emprego que obteve.

Em vez disso, diga: “Não me diga como você conseguiu esse emprego, eu já sei: é porque você é uma mulher maravilhosa. Todas as mulheres são maravilhosas.”

* **“Você fala o idioma muito bem.”**

Motivo: Ainda que pareça um elogio, trata-se de uma forma velada de relembrar uma pessoa estrangeira de que ela veio de outro país. Como se sabe, ser um estrangeiro é algo ruim, então não se deve fazer comentários que aludam à nacionalidade de ninguém.

Em vez disso, não diga nada.

Os *traumas* causados por comentários como esses são inestimáveis. E não há outra forma de combater as microagressões senão via policiamento das falas. É nosso dever cuidar com grande diligência cada uma de nossas palavras, suas possíveis conotações, jamais negligenciando a fragilidade dos sentimentos alheios e nossa capacidade de feri-los, ainda que sem intenção.

Para algumas, o cuidado intenso com a fala pode parecer um fardo. Muitas sentem como se o autopoliciamento fosse uma espécie de *paranoia neurótica*, acreditando que essas precauções removem a espontaneidade e a diversão da convivência social.

Mas que tipo de seres humanos seremos nós se não pudermos abrir mão do divertimento ou da espontaneidade para garantir a segurança emocional de nossas irmãs? Temos diante de nós uma escolha de **prioridades**. Terá uma verdade ofensiva maior valor do que uma mentira confortante? Não será a hipocrisia, tão estigmatizada, uma forma humanizada de amenizar os aspectos cruéis da realidade? A omissão de fatos, a insinceridade, a manipulação de palavras — não serão todas essas atitudes justificáveis, quando nosso fim último é a plenitude emocional?

Uma sociedade plenamente feminina é uma **sociedade pacífica**, não havendo lugar para qualquer forma de violência. É uma sociedade *sensibilizada*, *emotiva*, em que cada cidadã vive em ple­no contato com seus sentimentos e os utiliza como bússola moral. Assim, não há espaço num mundo feminista para atos ou discursos de ódio, nem para agressões verbais, por mais inocentes que pareçam.

Mulheres de verdade resolvem seus problemas pacificamente, com atos e palavras de paz. A isto chamamos *irmandade* *absoluta* — uma comunidade onde não há desacordo, desentendimento, dissidência, afronta; onde to­da mulher tem o direito de jamais ser contrariada, de jamais escutar algo que a deixe insegura, que abale sua autoestima, que lhe provoque dúvidas ou que a leve a mudar de ideia.

Na busca por uma sociedade ideal, portanto, devemos abraçar a seguinte máxima:

**9. A VIOLÊNCIA, TANTO A FÍSICA QUANTO A VERBAL, JAMAIS DE­­VE SER TOLERADA.** Na luta pela justiça social, nunca se deve adotar o caminhoda **agressão**, pois o verdadeiro progresso só pode ser obtido **pacificamente**. Uma sociedade sustentada pela força de armas (físicas ou verbais) não merece ser preservada.

Adotemos, assim, como estratégia sensibilizante e pacificadora, as diretrizes da comunicação crítico-consciente, também conhecida pelo termo “politicamente correto”, embora este tenha ganhado má reputação nos últimos anos. Somente por meio de um **vocabulário sensível** poderemos revolucionar a sociedade.

Não caberia aqui, porém, tratar em detalhes a vasta doutrina do politicamente correto, pois seu estudo adequado requer nada menos do que anos de treinamento teórico e prático. Minha proposta, neste ensaio, é lançar as bases para uma virada cultural rumo ao progresso, mas é evidente que cada uma das proposições que trago merecerá maior aprofundamento por meio de outras obras. O policiamento linguístico é apenas uma das muitas áreas de estudo fundamentais à conscientização feminista. Para quem não pode cursar uma faculdade em Correção Política (o que seria o ideal), tem-se disponível uma boa gama de minicursos, workshops, livros, manuais e catequeses sobre o assunto. É, sem dúvida, um dos *pilares cruciais* para qualquer ativista do feminismo.

Assim, convido-a, cara leitora, a aprofundar-se nas práticas do politicamente correto, da sinalização de virtude. Não tema ser chamada de Karen,[[5]](#footnote-5) ou de carola, pois com dedicação logo seremos maioria. Se agirmos de forma coletiva, síncrona, nossa sinergia não tardará a dar frutos, aproximando-nos ainda mais de nossa utopia.

E não esqueça: na hora de fofocar, assegure-se de que a pessoa difamada não ficará sabendo o que você pensa dela. Afinal, ela estará fazendo o mesmo por você.

# 

# X Feminismo — Ciência ou Fé?

**E**

**ste** talvez seja o tópico mais importante dentre os que tratamos até aqui — pelo que preferi deixá-lo para o final. Por polêmico que seja, ele está no cerne de nossas mazelas, constituindo-se, possivelmente, na causa-mestra de todas as nossas falhas: *nossa falta de fé*.

No passado, quando buscamos romper com a lógica pura, a razão estéril do bicho homem, nós não a aniqui­lamos por inteiro, pois enxergamos nela um aparato muito vantajoso de ferramentas e conhecimentos que nos pode­riam ser úteis. A tentação era — e *é* — grande demais. Co­mo resistir à ciência, quando ela é entregue de graça em nossas mãos, com todos os seus benefícios —presentes de feição mágica, francamente divina, para olhos leigos?

Não surpreende a ninguém, portanto, que muitas mulheres tenham se voltado contra a religiosidade, contra a fé, contra a ideia de divindade, dada a severa lavagem cere­bral operada por doutrinas como o cristianismo, o ju­daísmo, o islamismo, etc. Porém, se a religião é, por definição, patriarcal, não o será também a *antirreligião*?

Vivemos em um mundo dividido entre *mulheres religiosas*, das mais dife­rentes fés, e *mulheres céticas*, racionalistas. Ouso dizer que este **mul­ti­cultu­ra­lismo**, pelo menos neste aspecto, não está nos ser­vindo como deveria, sendo a raiz de diversos conflitos sociais que nos impedem de unificar o feminismo.

Veja, por exemplo, como nossa civilização está dividida. Neste exato momento, enquanto elaboro este último capítulo, escuto pelo noticiário as reações globais à mensagem do planeta dos homens, finalmente divulgada ao grande público (e que comentarei no Epílogo). Se, por um lado, as racionalistas advogam pela *aniquilação* dos homens, por meio de uma batalha intergaláctica, as religiosas pregam a deflagração de uma *guerra santa* contra o planeta dos homens, no intuito de convertê-los ao feminismo ou escravizá-los. Em meio a este embate, minado por controvérsias desnecessárias e disputas mesquinhas, nada de proveitoso se obtém para o coletivo.

No entanto, para que haja unificação, é preciso que um dos lados ceda — e este deve ser o do racionalismo. A ciência não deverá ser extinta; mas em qualquer ocasião em que a razão entre em contradição com a fé, devemos optar pela fé. Vejamos, então, a *razão* para isso.

Assim como “tudo o que fazemos é um ato político”, como nosso Livro Fundador instrui, também é válido afirmar que “tudo o que fazemos é um ato religioso”. Afinal, nossa perspectiva determina a realidade. Para uma mulher, uma *verdadeira mulher*, tudo é sagrado. Cada parte de nosso corpo é sagrada; o parto é sagrado; o sexo é sagrado; nosso companheirismo é sagrado; nossas emo­ções são sagradas.

**A mulher, em seu todo, é sagrada. E contra o sagrado não existe argumento.**

Pelo que pergunto: estará o feminismo mais próxi­mo da ciência, ou da fé? Levemos em conta o seguinte:

* Imagine que você está *emocionalmente convicta* de uma ideia ou posição. Imagine que mudar de opinião lhe causará desconforto, e que manter sua opinião será gratificante. **No que você baseia sua opinião:** nos fatos e na lógica, ou nos seus sentimentos, na sua intuição — isto é, naquilo que a faz se *sentir melhor*?
* Quando escutamos denúncias de assédio ou estupro, **como decidimos o que é justo:** procuramos pelos fatos de forma neutra e imparcial? Seguimos o princípio da inocência? Ou julgamos quem é inocente e quem é culpado com base em nossas emoções, em nossa empatia, *ignorando evidências* que contrariem nossa preconcepção inicial?
* Ao estamos em um coletivo e escutamos uma ideia sobre a qual discordamos, mas que é crença generalizada, o que fazemos: confrontamos a *opinião majoritária*, expondo fatos e apontando suas falhas de lógica, ou nos silenciamos, a fim de evitar o conflito? E no longo prazo, **não tendemos a adotar as ideias do coletivo, devido à pressão social**? Não fazemos isso mesmo que estas ideias tenham nos parecidas incorretas, a princípio, obrigando-nos a desativar nosso senso crítico para manter nossos laços interpessoais?
* Não conhecemos inúmeras psicólogas que, apesar de professarem a ciência, também valem-se da *astrologia* para avaliar a personalidade das pessoas? Quando nos deparamos com **pseudociências** baseadas no narcisismo (isto é, aquelas que nos interessam porque falam de nós mesmas — nosso *assunto preferido* —, baseadas em leitura fria), e que costumam amaciar nosso ego, **nós não desligamos nosso senso crítico por completo**?
* Quando reclamamos de um problema, não é nos­so hábito ignorar qualquer tentativa alheia de tentar resolver o problema (*mansplaining*), pois no fundo **o que queremos é apenas apoio emocional**? A solução lógica não é secundária à *solução afetiva, subjetiva*?

Ainda que não percebamos, toda nossa cultura fundamenta-se nas emoções, isto é, em nosso *sentimen­to de certeza*: a fé.

Note, por exemplo, que jamais fomos capazes de *provar* que, durante o patriarcado, as mulheres não chegavam às posições mais altas devido à discriminação. Jamais encontramos evidências de que 4 em cada 3 mulheres já foram molestadas. Jamais foi possível quantificar os níveis de opressão social, identificando que ser mulher era, de fato, mais difícil do que ser homem. E, ainda assim, todas nós acreditamos nessas ideias, com ou sem comprovação, porque *sabemos* serem verdade de forma intuitiva. *Não seria puramente lógico, portanto, inferir que o femi­nismo é uma forma de fé?*

Assim, feministas comprometidas com um feminis­mo verdadeiro, congruente, não podem se eximir da fé, nem da religiosidade que dela deriva.

**Às céticas, às agnósticas, às ateias, proponho uma reflexão:** o que vocês enxergam como errado nas ideias de divindade e de religião? Será que o seu preconceito não tem como referência as divindades patriarcais, ou as religiões mas­culinas?

Como uma mulher pode julgar-se ateia, sem antes compreender a divindade que está rejeitando?

Não como religiosa, mas como cientista, estou aqui para propor perguntas e sugerir possíveis solu­ções. As­sim, não é pela asserção de um dogma, mas pelo levan­tan­do inspirador de possibilidades que enumero as seguintes visões de mundo, na esperança de que possam ser úteis para a elaboração de uma religião puramente feminista:

**Deuses:**

Não seriam os “deuses” a manifestação de empatia uni­versal, de puro amor, um fluido de emoções e carinho, sendo nada mais do que a mais poderosa expressão da *fe­minilidade transcendental*, matriz inicial da vida?

Não teríamos muito a ganhar ao aceitarmos, todas, a existência dessa divindade feminina, absoluta, eterna, co­mo modelo a nos inspirar a todas?

**Demônios:**

Não seria o “demônio” a manifestação sistêmica, es­tru­tural e institucionalizada da força bruta, das relações tóxicas de poder, da meritocracia escravizante, da supressão das emoções em favor do cartesianismo opressor? Não seria o “mal”, o “diabo”, nada mais do que a forma trans­cendental da masculinidade?

Assim como a ideia de “demônio”, o patriarcado é uma força invisível, que pode ser responsabilizada por to­do o mal que ocorre no mundo. Por ser uma força sobrenatural, é muitas vezes impossível provar-lhe a existência, sendo necessária a fé para identificá-lo (e exorcizá-lo).

Não seria, portanto, apenas lógico tratar a masculinidade como uma forma de *satanismo*?

**Figuras Santas:**

Não seriam “santas/santos” encarna­ções históri­cas dos valores de feminili­da­de/masculini­dade?

O que chamamos de “santos” podem ser tanto exemplos a serem evitados (ou seja, fi­gu­ras patriarcais ou mulheres aliadas ao patri­ar­ca­do) como modelos a serem seguidos, como é o caso de grandes e vir­tuosas líderes do passado como Santa Bell Hooks, Santa Simone de Beauvoir, Santa Andrea Dwor­kin, Santa Manuela d’Ávila e, principalmente, Santa Marielle Franco.

Não temamos, portanto, tratar estas figuras virtuosas como santas, seguindo seu exemplo em nossas vidas.

**Profetas:**

Não poderíamos chamar de “profetas” aquelas mu­lhe­res cujas falas ou obras abriram nossas visões para con­­­ceitos progressistas? Não seria, assim, o caso de figuras como Beyon­cé, Katy Perry, Emma Watson, Anitta, Me­ryl Streep — ou mesmo Pabllo Vittar?

**Igrejas:**

As universidades, quase de todo dedicadas aos estudos críticos, não seriam nossos templos, nossas “igrejas”?

Não é lá que somos introduzidas às ideias sagradas do feminismo, do feminismo interseccional, do feminismo negro, da teoria racial crítica, do marxismo, dos estudos de gênero? Não é lá que as iluminadas doutoras nos transmitem seu *saber moral*, suas *instruções de virtude*, aprendendo a ser *ativistas*? Não é nas faculdades que baixamos a cabeça e recebemos passivamente a hóstia do saber?

**Pontos de Peregrinação:**

Nossa tão famosa estátua da Deusa da Liberdade não seria também, mais do que um ponto turístico, um “ponto de peregrinação”?

É verdade que as visitações à estátua da Deusa têm diminuído nas últimas décadas. Mas o declínio dessa tradição talvez explique por que tantas de nós se sentem desamparadas, sem um norte na vida: *não vivemos só de matéria*. Precisamos de símbolos, de amuletos, assim como de locais sagrados.

Confesso que, quando contemplo os olhos opacos da Deusa, em suas ruínas cinzentas, acredito-me mergulhar na mente e no coração de mulheres que viveram e morreram há milênios, e sinto, pela mera proximidade, o que elas sentiam — suas lutas, suas tensões pré-menstruais, suas conquistas —, porque no fundo, e a qualquer tempo, *somos todas uma*.

Se você nunca visitou a Deusa da Liberdade, sinto-me incapaz de expressar o tanto que você está perdendo. Na presença de sua figura gigantesca, pétrea, entramos em comunhão com o mistério da existência — da *nossa* existência, e da existência *dela*.

Será que ela é mesmo a construção mais antiga do mundo? Quem foram as mulheres que a erigiram? O que estariam tentando nos dizer?

Historiadoras e arqueólogas jamais chegarão a um consenso sobre sua simbologia: o livro que segura contra o peito — seria mesmo o nosso Livro Fundador? Sua coroa ostensiva seria uma indicação hierárquica, ou um símbolo de empoderamento que toda mulher pode reivindicar? E a tocha que ergue com veemência: seria o fogo do conhecimento, da paixão, ou da revolução?

Não vejo outra maneira de encarar estas questões profundas senão com humildade, assumindo que não temos todas as respostas, e que, por isso mesmo, precisamos de fé.

**Ritualística:**

Todas nós, mulheres, passamos por rituais naturais.

Sugiro às céticas que se perguntem: em nossas do­res, não estaríamos sofrendo em vão, supor­tando so­zi­nhas o peso da tensão pré-menstrual, as flu­tua­ções de hu­mor que constituem a graça do tempe­ramento femini­no? E não estaríamos desperdiçando nos­sas ale­grias no vácuo da solidão, ao não compartilharmos nossas vidas e a vibração positiva de nossos corpos em comu­nhões femi­ninas?

A menstruação é um período sagrado — por que não o vivenciarmos juntas? Muitas de nós já são capazes de *sincronizar sua menstruação* para um melhor aproveita­mento da jornada corporal e das energias lunares.

Este, é claro, é apenas uma entre incontáveis sugestões possíveis para ritualizar nossas vidas. De fato, virtualmente tudo o que fazemos pode ser transformado em ritual, tendo em vista o quanto nos sentimos importantes.

**Ídolos:**

Outro fenômeno que não costumamos considerar re­li­gioso, mas que todas nós praticamos em nosso dia a dia (e que é, por definição, um aspecto místico), é a eleição de elementos para veneração. *Quantas de nós não veneramos nossas vaginas?*

Nossos seios, assim como nossos glúteos, são ele­men­tos-base de nossos corpos, mas a vagina, juntamente com o útero, é o que nos distingue como mulheres.[[6]](#footnote-6) Por isso mesmo é dolo­roso assistir a algu­mas irmãs rirem e galhofarem face aos nossos *monumentos à vagina*. Diante da glória de um clitó­ris de cinco metros, exposto em uma superes­trutura vagi­nal no centro da cidade de Pochwa, é lamentável testemunhar que muitas adolescentes não fazem mais do que rir e tirar *selfies* debochadas.

Alguém ousaria fazer o mesmo diante de uma figura de Jesus Cristo, no mundo antigo? Obviamente, não — e é por esta razão que devemos impor a seriedade de nossa fé, e fazer compreender às cidadãs, com todos os meios que sejam necessários, que *a vagina não é uma brinca­deira*.

Não combateremos o falocentrismo senão com o *va­gi­no­centrismo*. Que esta imagem se prolifere em estampas, em fantasias, em estátuas, em pinturas, em filmes, na ar­quitetura.

**Educação Religiosa:**

Há cada vez mais estudos científicos “comprovando” que as preferências das meninas por brinquedos “tipi­ca­mente femininos” (bonecas, roupinhas, casinhas, pane­linhas, bichinhos fofinhos, etc.), assim como cores quentes e suaves (em especial a rosa), são “características inatas” de nosso sexo. Brinquedos como aviõezinhos, carrinhos e mons­trinhos ganham pouca atenção das meninas, segun­do “estudos”.

Outras tantas cientistas têm feito o desserviço de “demonstrar” que meninas têm uma tendência baixíssima a nutrir interesse por máquinas e estruturas mecânicas e eletrônicas, assim como por programação e atividades que requerem alta abstração (astrofísica, por exemplo), ou tra­balho manual com técnicas complexas.

Estas infor­ma­ções ofensivas, certamente criadas por sabotadoras antife­mi­nistas, constituem um dos melhores exemplos de por que necessitamos de uma *educação feminista forte (e, por que não dizer, religiosa?)*.

Se não aderirmos aos **valores morais** do feminismo, é pouco provável que a crise existencial pela qual pas­samos se resolva algum dia. Então, não tenhamos receio de nos valer do melhor instrumento social para a trans­missão e cobrança de valores: a religiosidade.

**10. A MULHER JAMAIS CONQUISTARÁ LIBERDADE PLE­­­­NA SEM RELIGIOSIDADE.** A existência de **valores morais** claramente estabelecidos e socialmente cobrados, assim como uma **catequese** firme das novas gerações, é crucial para a manutenção de uma sociedade feminista. A religião é um dos pilares da civilização.

Teremos longo trabalho pela frente, caso queiramos espiritualizar nossa sociedade — em especial devido ao tanto de niilismo que vemos hoje. Muitas se perguntam: qual a utilidade da fé num mundo opressivo como o nosso?

Lembre-se sempre: a feminilidade não é algo naturalmente dado. “**Não se nasce mulher; torna-se mulher.**”

Muitas de nós *não são, de fato, mulheres*, ainda que portem seios e úteros. A formação da mulher verdadeira se dá pela *adesão ao coletivo* arquetípico feminino; é uma construção social fundamentalmente vinculada à fé e ao comprometimento com os valores feministas. E como essa noção vem se perdendo, não vejo outra solução para esse problema do que uma educação ainda mais feminina, *impositivamente* feminina.

Afinal, sejamos francas: a *tolerância* ao não feminino é apenas mais uma estratégia patriarcal que não nos atinamos de combater. Até mesmo a noção de feminilidade, como sabemos, é uma construção masculina, pois que não existe, de fato, uma classe feminina: o que existe é o ser humano, e sua variação inferior, masculina.

Não há mulher fora do feminismo.

# Epílogo O Futuro é das Mulheres

**É**

com uma mensagem de *otimismo* que gostaria de finalizar este modesto ensaio, relembrando a todas que ***o futuro é nosso***: que nada nos é impossível.

Até hoje, *resistimos*, e sem dúvida nossa resistência atravessará os séculos. De subjugadas pilotas de fogão, pas­samos a pilotar o mundo. Cada uma de nós carrega essa vitória no peito.

Lembremos, porém, que o preço dessa vitória, desse futuro glorioso, é o eterno engajamento na luta feminista — compromisso vitalício, e comprometimento absoluto. Nosso sucesso dependerá disso.

E para além das estratégias que apresentei ao longo deste ensaio, ainda há algo que precisa ser ressaltado — um alerta em relação à inabalável malícia masculina, ou, como algumas chamam, o perigo do *eterno patriarcado*.

Pois se enfrentamos desafios diários em nosso planeta de mulheres, não há limites para o quanto as coisas podem piorar: ainda é possível que os homens tentem invadir Goslin, na tentativa de subjugar-nos outra vez.

Há quem pense que o homem um dia evoluirá para além de sua toxicidade inata. A mensagem que recebemos do planeta dos homens, porém, parece encerrar essa hipótese: mesmo após milênios, constatamos, pelo comunicado, que a natureza masculina em nada se alterou. *O homem ainda é o homem.*

Segue a transmissão decodificada e traduzida:

Saudações!

Em nome da comunidade planetária de Marte, a quem represento pelo cargo de presidente global, respeitosamente venho propor a retomada das comunicações entre nossos dois mundos, em espírito de paz.

É uma grande honra para mim dar início a este canal de contato, pelo qual poderemos trocar informações e conhecimento para benefício mútuo.

Lamentamos os eventos históricos que separaram nossos dois mundos, e acreditamos que, com o passar dos milênios, não há mais razão para sustentarmos animosidades. Nossas civilizações certamente mudaram muito com o passar dos séculos, e acredito que merecemos uma segunda chance.

Como estão cuidando da Terra? Aqui em Marte, já há muito nos adaptamos à gravidade, e a terraformação foi um sucesso. Temos florestas, oceanos, e um rico ecossistema. A maior parte das doenças já tem cura, e mazelas como a pobreza e a violência foram praticamente extintas.

De acordo com nosso registros históricos, os únicos seres humanos a permanecer na Terra, por ocasião da Grande Migração, foram do sexo feminino, militantes de uma religião denominada “femnismo” (há certa discussão sobre o termo; alguns acreditam que o correto seria “femismo”, outros “feminazismo”). Conforme historiadores, homens e mulheres terráqueos teriam imigrado para Marte a fim de escapar das devotas a esta doutrina. Temos grande interesse em comparar nossos registros com os seus, para confirmarmos os eventos e as causas da Grande Migração.

Estamos ansiosos para ouvir as novidades da Terra. E aproveitamos a oportunidade para um convite: um encontro diplomático entre representantes da Terra e de Marte. Para que isso possa se dar o mais breve possível, e sem demasiado custo para nenhuma das partes, propomos um encontro a meio caminho entre nossos dois planetas. Será uma honra nos encontrarmos.

Vida longa e próspera.

Cordialmente,

Presidente Global Gina Porano,

Monte Tharsis, Marte

É chocante. Fazendo-se passar por mulher, o correspondente em­­­bebe sua mensagem com desinformação, tomando-nos, mulheres, como crédulas imbecis.

Como várias autoridades têm apontado, a mensagem não passa de uma armadilha para emboscar mulheres ingênuas e molestá-las em pleno espaço sideral.

E para além dos comentários misóginos e da apropriação de gênero, o autor tem a *audácia* de sugerir que a conta do encontro seja *dividida* entre as partes. Após milênios de opressão, ele espera que custeemos 50% do encontro. Em vez de utilizar sua tecnologia avançada para nos buscar em Goslin, ele quer que nós nos desloquemos até o local combinado — isto é, pagando o transporte —, apesar das *horas* que passaremos nos embelezando para eles.

O homem não mudou nada. O feminismo, consequentemente, nunca foi tão necessário.

Goslin é nosso único lar e, apesar das ameaças internas e externas que sofremos, precisamos defendê-lo, olhando para frente com positividade.

Aos poucos, vamos limpando a casa, colocando tudo em seu devido lugar. E enquanto a utopia não chega, sigamos lutando como garotas. E nunca esqueça: da cozinha ao quartel, **nosso viver é político**. Da escolha do vestido à queima de sutiãs, **ser mulher é ser revolução**. Qualquer distinção entre a ideologia e o cotidiano é falaciosa.

Eis o que tinha a dizer.

Deposito, enfim, meu manuscrito finalizado sobre o canto da escrivaninha, para dar atenção a Simone de Beauvoir, Madame Cury e Joana D’Arc, minhas felinas mimosas. Estarão como fome? Ou quererão amor?

No entanto, só porque troquei de atividade, não sou outra pessoa. Se sou de fato ativista, jamais posso deixar de sê-lo, pois é da minha natureza. Como minhas gatas: dormem quase o dia todo, achando-se donas da casa que eu mantenho para elas; só aparecem quando querem alguma coisa, sem a menor vergonha na cara; e tentam me seduzir balançando o rabo e entoando miados graciosos, só para que eu lhes dê comida ou afago. Interesseiras e ordinárias! Mas é da natureza, que há de se fazer?

Pós-Dr.ª Emma Scollina   
21 de florido de 3034 d.F.

# Decálogo do NOVO FEMINISMO

**1. COLOQUEMOS A RAZÃO ACIMA DE TU­DO**

A **razão** conduz à emancipação. Raciocínio, lógica e ciência são os melhores aliados da mulher. A **emoção**, pelo contrário, é escravocrata de mulheres: sentimentos são enganosos, e estão programados para condicionar a mulher à sua função biológica primitiva.

**2. A TRADIÇÃO CIVILIZACIONAL É NOS­SA MAIOR HERANÇA E DEVE SER PRE­SERVADA**

O **projeto civilizacional** é a única coisa que nos separa da selvageria, do caos e do sofrimento descontrolado. Protejamos nossa civilização e tomemos ciência de sua importância frente aos fenômenos destrutivos da **natureza**.

**3. O COLETIVO SOBREPÕE-SE À INDIVIDUALIDADE**

Nenhuma mulher é mais dona de algo do que outra mulher, pois que a feminilidade é **coletiva**. Sabemos que a mulher não nasce mulher: ela se torna mulher através do alistamento feminino. Assim, aquela que se opõe ao coletivo **não pode ser tolerada**, pois não é mais mulher, ao trair a causa coletiva e ser ingrata frente às conquistas do feminismo.

**4. A RESISTÊNCIA À MUDANÇA SÓ PO­DE SER VENCIDA VIA VIOLÊNCIA**

Frente à **violência econômica** do capitalismo, toda **violência revolucionária** é justificável. A guerra libertadora dos revolucionários é infinitamente preferível à paz opressora do livre mercado. Só com **armas** se vencerá o egoísmo, e só à força garantiremos liberdade.

**5. A INDIVIDUALIDADE SOBREPÕE-SE AO COLETIVO**

Toda mulher é **perfeita** à sua maneira, e não caberá jamais à sociedade pressioná-la, constrangê-la ou oprimi-la em suas ações e **liberdades individuais** para conformá-la a qualquer padrão de comportamento ou projeto político coletivo – com exceção deste, visto que nossa política é correta e bem-intencionada.

**6. A TRADIÇÃO CIVILIZACIONAL É UMA FALÁCIA DO PATRIARCADO E DEVE SER DESMANTELADA**

O que se entende por civilização não passa de uma **doutrina ultrapassada, engessante e opressiva**. Sua função é reprimir nossas pulsões saudáveis e naturais, criando um sistema excludente em benefício do controle e dos interesses do **capital**.

**7. A MULHER JAMAIS SERÁ LIVRE ATRA­­VÉS DA RELIGIOSIDADE**

A definição de **dogmas** impede o livre pensar e sentir das mulheres, e a imposição de **hierarquias** de acesso às divindades reproduz modelos patriarcais inaceitáveis. Devemos, portanto, **banir** toda forma de religião em nossa sociedade.

**8. COLOQUEMOS A EMOÇÃO ACIMA DE TU­DO**

O **racionalismo**, o **cientificismo**, a **objetividade** e o **ceticismo** são ferramentas de dominação das mentes, cuja função é apagar as realidades individuais e impor uma verdade artificial e absoluta. Seu antídoto é a **emoção**: a manifestação pura da realidade via sentimentos, os quais devem servir de base suprema para nossas crenças e decisões.

**9. A VIOLÊNCIA, TANTO A FÍSICA QUAN­­TO A VERBAL, JAMAIS DEVE SER TOLERADA**

Na luta pela justiça social, nunca se deve adotar o caminho da **agressão**, pois o verdadeiro progresso só pode ser obtido **pacificamente**. Uma sociedade sustentada pela força de armas (físicas ou verbais) não merece ser preservada.

**10. A MULHER JAMAIS ALCANÇARÁ LIBERDADE PLENA SEM RELIGIOSIDA­DE**

A existência de **valores morais** claramente estabelecidos e socialmente cobrados, assim como uma **catequese** firme das novas gerações, é crucial para a manutenção de uma sociedade feminista. A religião é um dos pilares da civilização.

1. Algumas leitoras pouco instruídas tendem a ver contradição entre este trecho pró-racionalismo e as passagens an­tir­racionalismo desta mesma obra. Convém lembrar que, de acordo com as descobertas da filosofia, a verdade objetiva não existe. Além disso, a fluidez de posicionamento é um dos pontos fortes da fe­minilidade plena, pelo que endossamos de todo a liquidez intelectual da autora. (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-1)
2. Aqui, a autora de forma alguma está sugerindo que ser míope constitui um defeito; o termo deve ser entendido apenas em seu significado metafórico, este sim com conotação negativa. (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-2)
3. É importante lembrar que o termo *castrador* não é necessariamente patriarcal, visto que muitas mulheres trans (mulheres que nasceram mulheres, mais que mais tarde passaram a se identificar como mulheres trans) possuem pênis femininos, geralmente imaginários (o que não os torna menos reais). (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-3)
4. Embora saibamos que a meritocracia é uma falácia, sendo a ideia de mérito uma construção patriarcal, neste contexto optamos por tratá-lo como algo positivo, não havendo, portanto, qualquer contradição. (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-4)
5. O termo pejorativo *Karen* refere-se a mulheres que acreditam ter mais direitos do que os demais indivíduos, e que, devido a esta crença, fariam exigências excessivas, ou se intrometeriam na vida alheia com demandas sem cabimento, como se merecessem obediência. Trata-se de um estereótipo falso, empregado para deslegitimar as mulheres quando elas têm razão (isto é, sempre). (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-5)
6. O que a autora quis dizer é que qualquer pessoa pode se identificar como uma mulher portadora de útero, independentemente de seu sexo biológico, pelo que pedimos encarecidamente às leitoras que não cancelem nossa editora nas redes sociais. (Nota da Editora). [↑](#footnote-ref-6)